



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
Faculdade de Comunicação, Artes e Letras  
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu  
Mestrado em Letras

---



**ARIANE MORALES MORETI**

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E A FORMAÇÃO DO  
IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO NA PROSA DE FICÇÃO DE HÉLIO  
SEREJO**

**DOURADOS-MS  
2019**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
Faculdade de Comunicação, Artes e Letras  
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu  
Mestrado em Letras



---

**ARIANE MORALES MORETI**

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER E A FORMAÇÃO DO  
IMAGINÁRIO FRONTEIRIÇO NA PROSA DE FICÇÃO DE HÉLIO  
SEREJO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – área Literatura e Práticas Culturais, da Faculdade de Comunicação Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos.

**DOURADOS-MS  
2019**



---

---

**BANCA EXAMINADORA:**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rita de Cássia A. Pacheco Limberti (UFGD) – Membro Titular**

---

**Assinatura**

**Prof. Dr<sup>o</sup>. Neurivaldo Campos Pedrosa Júnior (UEMS) – Membro Titular**

---

**Assinatura**

**Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Paulo Sérgio Nolasco dos Santos (UFGD/CNPq) – Orientador**

---

**Assinatura**

**Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Carlos Vinícius da Silva Figueiredo (IFMS/Dourados) – Membro Suplente**

---

**Assinatura**

**Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. Leoné Astride Barzotto – (UFGD) - Membro Suplente**

---

**Assinatura**

**Dourados - MS, \_\_\_\_ de março de 2019**

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por agraciar-me com a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Wilson e Zenaide, pela paciência e tolerância, por me apoiarem com carinho para eu prosperasse naquilo que me propus a realizar, gratidão eterna!

À minha irmã Aline, por sempre me incentivar a realizar o mestrado.

Ao professor Paulo Nolasco dos Santos, pelas enriquecedoras e sábias orientações, sem as quais este trabalho não seria possível. Gratidão pela confiança a mim depositada.

Aos professores que compuseram a Banca de Exame de Qualificação, pelas valiosas contribuições teóricas, correções necessárias e sugestões pontuais: Paulo Sérgio Nolasco dos Santos, Rita de Cássia A. Pacheco Limberti e Gicelma Fonseca Chacarosqui.

À Direção da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Administração da Universidade Federal da Grande Dourados, na pessoa do professor doutor António Carlos Vaz Lopes, pelo incentivo em cursar o mestrado e por contribuir para a realização desta etapa muito importante em minha vida.

Aos professores do curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Administração da Universidade Federal da Grande Dourados, que sempre torceram por mim e acompanharam a minha trajetória, em especial o professor Pedro Rodrigues de Oliveira, gratidão por seus conselhos e por compartilhar suas experiências que contribuíram para concretização deste desafio. Agradeço muito aos professores João Augusto Rossi Borges e Rafael Martins Noriller, pela inspiração e por me encorajar a trilhar este árduo caminho.

A todos os meus colegas de trabalho, técnicos administrativos e estagiários da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Administração da Universidade Federal da Grande Dourados, em especial, à Géssika Pimenta Borba, pela escuta solidária e por suas sábias palavras. Gratidão eterna pelo carinho, companheirismo e apoio.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD, pela partilha do conhecimento que contribuíram, de forma exemplar, com a minha formação intelectual e profissional.

À Maria de Lurdes Gonçalves pela amizade sincera e por sempre me estimular a vencer desafios.

À secretaria de Pós-Graduação da FACALES/UFGRD, Suzana Marques, pela competência no serviço de minhas necessidades acadêmicas.

MORETI, Ariane M. *A representação da mulher e a formação do imaginário fronteiriço na prosa de ficção de Hélio Serejo*. 2019. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.

## RESUMO

**RESUMO:** Esta dissertação tem por objetivo analisar a figura das mulheres, protagonistas, em narrativas ambientadas no cenário fronteiriço ilustrado pelo escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo (durante o ciclo da erva-mate), no período de 1883-1947. Propõe-se, portanto, abordar a temática acerca da presença da mulher nos textos de Hélio Serejo, procurando extrair as histórias de vida observadas mediante a cultura regional da fronteira Brasil-Paraguai, considerando-se a expressiva tematização da mulher enquanto protagonista nos relatos do escritor. Assim, impõe-se um “corpus” em função da sua diversidade, bem como da perspectiva teórico-crítica: esse *corpus* selecionado constitui-se das obras serejianas: *Carai Ervateiro* (1990), *Homens de Aço* (1946), *Nhá Chaló* (2008), *Os Heróis da Erva* (1987), *Vento Brabo* (1971), *4 contos* (1939). A proposta se justifica pela originalidade da abordagem, como também pela sua relevância para a linha de Estudos Regionais Culturais e Interculturais, do Programa de Pós-Graduação em Letras. A perspectiva teórico-metodológica contemplará estudos sobre o contexto regional, em observância do “local”, bem como os fundamentos do regionalismo crítico, do hibridismo e, principalmente, da modalização pela ficção histórica. Para tanto, o suporte teórico-crítico advém de estudiosos como Carvalhal (2000), (2003), Canclini (2015), Cosson (1998), Moreiras (2001), Santos (2017), Silva (1984) e Weinhardt (2004), (2006), (2011a), (2011b).

**Palavras-chave:** mulher; fronteiras; regionalismo; Hélio Serejo.

## ABSTRACT

**ABSTRACT:** The aims of this research is to analyze the figure of protagonists women in narratives, set in the border scenario illustrated by the writer of South-Mato Grosso Hélio Serejo (during the cycle of yerba mate), in the period of 1883-1947. It is proposed, therefore, to approach the theme about the presence of women in the texts of Hélio Serejo, searching to extract the life stories observed through the regional culture of the border Brazil-Paraguay, considering the expressive thematic of the woman as protagonist in the writer's stories. In this way, a corpus is imposed according to its diversity, as well as the theoretical-critical perspective: this corpus selected is made up of the serejianas stories: *Caráí Ervateiro* (1990), *Homens de Aço* (1946), *Nhá Chaló* (2008), *Heróis da Erva* (1987), *Vento Brabo* (1971), *4 short stories* (1939). The proposal is justified by the originality of the approach, as well as by its relevance to the line of Regional Cultural and Intercultural Studies of the Graduate Program in Literature. The methodological perspective will contemplate studies on the regional context, in observance of the "place", as well as the foundations of critical regionalism, hybridity and, mainly, the modalization of the historic fiction. For this, the critical theoretical support comes from authors such as Carvalhal (2000), (2003), Canclini (2015), Cosson (1998), Moreiras (2001), Santos (2017), Silva (1984), Weinhardt (2004), (2006), (2011a), (2011b).

**Keywords:** woman; borderlands; regionalismo; Hélio Serejo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa da edição de <i>Selva Trágica</i> (1976).....	58
Figura 2 - Áreas de extração da erva-mate.....	89
Figura 3 - Áreas limítrofes e fronteiriças dos ervais.....	90

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I – O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO DO ESCRITOR HÉLIO SEREJO</b> ..	14
1.1 Hélio Serejo: breve histórico e produção literária do escritor .....	14
1.2 Análise e abordagem acerca dos textos serejianos .....	23
1.3 Hibridismo e Ficção Histórica: marcas da literatura regional .....	37
<b>CAPÍTULO II – A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA SEREJIANA</b> ..	49
2.1 Acerca da representação e sua confluência nas narrativas de Hélio Serejo .....	49
2.2 O sentido de representação da mulher na literatura de Hélio Serejo.....	53
2.2.1 A mulher-macho bandoleira .....	58
2.2.2 A mulher curandeira .....	60
2.2.3 A mulher prostituta .....	62
2.2.4 A mulher valente.....	63
2.2.5 A mulher chipeira .....	65
2.2.6 A mulher heroína do erval .....	66
2.2.7 A mulher benzedeira.....	67
2.2.8 A mulher mandingueira .....	67
2.2.9 A mulher honrada .....	68
2.2.10 A mulher lendária .....	68
2.2.11 As mulheres nhás.....	71
2.2.12 A mulher cabocla.....	71
2.2.13 A mulher fronteiraça .....	72
2.2.14 A mulher respeitável.....	72
2.2.15 A mulher mãe .....	73
2.2.16 A mulher adúltera .....	73
2.2.17 A mulher avó .....	74
2.2.18 A mulher carpideira .....	74
2.2.19 A mulher rapa .....	74
2.2.20 A mulher folclórica.....	75
<b>CAPÍTULO III – ESPAÇO E <i>ETHOS</i> NA REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES PROTAGONISTAS DOS ERVAIS</b> .....	77
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	95
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	98



## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

Como escreveu Sócrates ao desafortunado rapsodo Íon no diálogo de Platão, "O que significa estar mais interessado numa representação de uma coisa do que na coisa em si?", Vermeule observa que "Íon, evidentemente, não tinha resposta". E no entanto talvez uma resposta seja possível. Talvez a pergunta de Sócrates a Íon (como Platão sem dúvida sabia) seja respondida naquele momento que todo leitor verdadeiro conhece, no qual um verso, uma linha de prosa, uma ideia ou uma história subitamente nos toca, de modo inesperado e profundo, revelando algo obscuro, parcialmente intuído, não reconhecido, algo que pertence exclusivamente àquele leitor a quem foi secretamente destinado.

VERMEULE, Blakey, *Why Do We Care About Literary Characters?* 2010. In: MANGUEL, Alberto. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017, p. 138

Originariamente, nosso interesse em torno deste trabalho se deu a partir de um primeiro contato com o livro *4 Contos*, de Hélio Serejo (1939) quando, durante a realização de um curso de Pós-Graduação *Lato Sensu*, Estudos da Linguagem, deparamos com a obra do escritor e, tomando conhecimento da sua relevância acerca da literatura regionalista da fronteira Brasil-Paraguai, elaboramos o trabalho final intitulado *A representação feminina em 4 Contos de Hélio Serejo* (MORETI, 2005).

Hoje, durante a realização da Pós-Graduação *Stricto Sensu* continuamos com interesse em torno da obra deste escritor, principalmente a partir do momento em que suas *Obras Completas* (2008) foram organizadas em 9 volumes guiados pela mestria do professor Hildebrando Campestrini. Da leitura desta coleção, não só tivemos contato com a inumerável obra do escritor como também encontramos justificativa para a temática que será abordada neste trabalho, qual seja a da valiosa expressão e representação da figura da mulher retomada em vários textos e obras do escritor.

Deste ponto de vista, extraem-se os seguintes objetivos a serem alcançados na realização deste trabalho: inicialmente, procuraremos investigar a caracterização da mulher, ou variantes comuns da figura da mulher nas obras *Caráí Ervateiro* (1990), *Homens de Aço* (1946), *Nhá Chaló* (2008), *Os Heróis da Erva* (1987), *Vento Brabo* (1971), *4 Contos* (1939), dentre outros textos do escritor Hélio Serejo, fundamentando a nossa pesquisa com base nos estudos sobre a “ficção histórica”, o hibridismo e o regionalismo sul-mato-grossense. Sobre a “ficção histórica” e sua contribuição para a abordagem do *corpus* releva registrar que, desde a

sua pertinente retomada pela teoria e crítica literária e cultural (WEINHARDT, 2004, 2011a, 2011b), particularmente em *Ficção Histórica e Regionalismo*<sup>1</sup>, ganham expressão discussões acerca da relação entre literatura e história – vertente da literatura comparada – romance histórico, memorialismo e inclusive sobre o estatuto da lembrança *stricto sensu*. Tais aspectos de estudo guardam especificidades e relações de confluências em suas abordagens. No entanto, como reconhece Marilene Weinhardt, há um modo de ficção clarificada pela sua adjetivação – ficção histórica – a qual, por meio da ou de cuja “seleção” não invalida os demais modos, mas, antes, pela expressividade de certos aspectos de análise, camadas superpostas, torna validada a convivência dos “outros” meios de ficção. No aprofundado estudo que elabora sob aquele título (*Ficção Histórica e Regionalismo*), Weinhardt cita, entre os inúmeros títulos analisados em seu *corpus*, a obra *Em Liberdade*, de Silviano Santiago, que, como se sabe, dá continuidade criativa às memórias escritas por Graciliano Ramos, recriando uma narração acerca do que o narrador do escritor teria vivido, num longo período ao deixar a prisão, após a sua liberdade. Para o deslindamento da ficção histórica alguns aspectos seriam determinantes, tais como as marcas da “intertextualidade”, de “ressignificações”, enfim, de camadas “palimpsésticas”, sobre as quais, para a sua condição, tornam-se recorrentes a presença não só de “documentos”, “depoimentos”, trechos de fatos ou episódios históricos, mas também a inserção do próprio escritor, uma vez que “sem receita padronizada, (...) todo escritor é, antes de tudo, um leitor voraz e atento” (Cf. WEINHARDT, 2011a, p. 31-49, *passim*), bem como da crítica e da teoria frequentemente implícitas ao texto caracterizado como “ficção histórica”.

Isto nos levará a uma ampliação das leituras em relação à presença da mulher nas obras de Hélio Serejo, com o intuito de observar e compreender os componentes regionais que influenciam na construção da identidade da mulher fronteiriça, bem como discutir acerca da perspectiva teórico-crítica da natureza e a função dos diversos textos serejianos, para, ao final, analisar o processo híbrido em relação à construção de identidade e literatura sul-mato-grossenses.

Neste sentido, há que se realçar que esta proposta de estudo encontra-se respaldada pela originalidade da escolha do *corpus* do trabalho, sobretudo pelo viés selecionado sobre o qual não se registra nenhum trabalho especificamente voltado para o escritor e suas obras, dentro desta perspectiva de análise. Tal fato será constatado ao longo deste percurso, deixando matizadas não só a questão dos objetivos propostos, mas também a abordagem teórico-crítica

---

<sup>1</sup> Cf. WEINHARDT, Marilene. *Ficção histórica e regionalismo* (2004); *Ficção histórica: teoria e crítica* (2011b); *Outros palimpsestos: ficção e história* (2011a).

empreendida, que procurará, dentre outros aspectos, fixar-se na figura da “mulher” nas narrativas de Hélio Serejo, sobrepujando discussões e análises já tão contemporâneas acerca da confluência dos temas “mulher”, “feminismo”, “gênero”, cujas questões, em especial deste último, não nos interessará em sentido estrito.

Como suporte teórico, serão tomados os conceitos de ficção histórica, hibridismo e representação, com vistas a situar as narrativas do escritor em seu contexto sócio-cultural e de literaturas de fronteira. Isto implica não só o estudo das narrativas e “textos-fragmentos” de Hélio Serejo em suas relações intertextuais, mas também em trazer para discussão a “natureza” propriamente dita desses textos. Para tanto, a perspectiva teórico-metodológica contemplará estudos sobre o contexto regional, em observância do “local”, bem como os fundamentos do regionalismo crítico, do hibridismo e, principalmente, da modalização pela ficção histórica. Deste modo, o suporte teórico-crítico advém de estudiosos como Carvalhal (2000), (2003), Canclini (2015), Cosson (1998), Moreiras (2001), Santos (2017), Silva (1984) e Weinhardt (2004), (2011a), (2011b).

Por conseguinte, este trabalho, que se intitula *A representação da mulher e a formação do imaginário fronteiriço na prosa de ficção de Hélio Serejo* será operacionalizado com base em três capítulos: o primeiro, “O contexto sócio-histórico do escritor Hélio Serejo”, dedica-se a introduzir a história de vida do escritor sul-mato-grossense e, conseqüentemente, sua obra emblemática pela temática regionalista. Logo, desenvolve-se um estudo aprofundado sobre a natureza dos textos serejianos, caracterizando-os por sua essência híbrida, visto que o épico é configurado como uma dupla instância de enunciação narrativa e lírica. Na análise de uma enunciação direcionada ao *ethos* da fronteira, observa-se que o discurso da ficção histórica repercute, de forma singular, nos textos do escritor. Ao valer-se de recursos ficcionais, de uma possível invenção do real, o autor elabora uma fusão de passado e memória, perpassados pela imaginação. O segundo capítulo, intitulado “A representação da mulher na literatura serejiana”, concentra-se no estudo sobre as variadas figurativizações das mulheres na obra de Hélio Serejo, a fim de tratar das pistas significativas do seu cotidiano, abordando questões sociais e individuais e buscando analisar, sobremaneira, a vivência e as experiências das protagonistas mais representativas dos ervaís no espaço fronteiriço. Assim, observar-se-á o resgate da diversidade de realizações descritas por tais mulheres nos ervaís no sul do Mato Grosso do Sul, sublinhando a importância da história regional entrelaçada por questões relacionadas à identidade e à cultura no contexto ficcional construído pelo escritor. O terceiro e último capítulo intitulado “Espaço e *ethos* na representação das mulheres protagonistas dos

ervais” procurará abordar, em síntese, como fechamento e coroamento deste trabalho, a configuração do espaço da narração e diegese onde figuram as protagonistas serejianas. Para isto, a reflexão procurará incidir sobre a perspectiva teórico-crítica acerca do espaço, a partir do estudo de Osman Lins (1976).

Ao final, propomos as “Considerações Finais” deste trabalho, bem como o valioso levantamento bibliográfico e de consulta que acompanham este estudo.

Diante do exposto, voltemo-nos para os sentidos entranhados na epígrafe que subscreve este texto de introdução, que sinaliza, dentre outros modos, também para a palavra “sinal” que nos indicaria um dos sentidos da palavra “representação”, considerando-se, sobretudo, que desde o dicionário essa palavra carrega inúmeras significações, o que leva a nos esgueirarmos por aqui e ali entre os sentidos possíveis para a finalização deste estudo. Com alguma felicidade, tentaremos responder à pergunta proposta por Vermeule ao indagar sobre o que procuramos em torno de caracteres literários, segundo a belíssima citação e tradução de Alberto Manguel em seu livro *O Leitor Como Metáfora: o viajante, a torre e a traça* (2017).



A pedido da autora o Capítulo 1 foi retirado do pdf.

## **CAPÍTULO II**

### **A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA SEREJIANA**

## CAPÍTULO II – A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA SEREJIANA

Este segundo capítulo intitulado “A representação da mulher na literatura serejiana” concentra-se no estudo sobre as variadas figurativizações das mulheres na obra de Hélio Serejo, a fim de tratar das pistas significativas do seu cotidiano, abordando questões sociais e individuais e buscando analisar, sobremaneira, a vivência e as experiências das protagonistas mais representativas dos ervais no espaço fronteiriço.

Ao serem abordadas pelo viés da representação, essas mulheres, quando analisadas pelo aporte teórico de Stuart Hall (2003), Foucault (1999), Fiorin (2008), Barthes (1977), Tomáz Tadeu da Silva (2006), observar-se-á o resgate da diversidade de realizações descritas por tais mulheres nos ervais no sul de Mato Grosso do Sul, sublinhando, portanto, a importância da história regional entrelaçada por questões relacionadas à identidade e à cultura no contexto ficcional construído pelo escritor.

### 2.1 Acerca da representação e sua confluência nas narrativas de Hélio Serejo

De forma geral, as investigações que tematizam os estudos sobre figuras femininas (sobre a mulher, *grosso modo*) na literatura dirigem-se a questões relativas ao gênero, a críticas de cunho feminista ou à natureza do cânone literário e/ou cultural.

Ao considerar as produções da linha de pesquisa “Literatura e estudos regionais, culturais e interculturais”, do Programa de Pós-Graduação de Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados, foi observado que pouco haviam sido explorados, dentro do *locus* Brasil-Paraguai, textos sobre as mulheres no período do Ciclo da Erva-Mate. Até o momento, não há alguma investigação profícua, em uma perspectiva regionalista, acerca desta temática na perspectiva da escrita de Hélio Serejo, da fronteira Brasil-Paraguai.

Acerca dos estudos de Telles (2002) em “Escritoras, escritas, escrituras”, registra-se o modo como as mulheres eram tratadas, uma vez que:

excluídas de uma efetiva participação da sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres do século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro das casas construídas por seus pais, maridos e senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera (TELLES *apud* DEL PRIORE, 2002, p. 402).



Pelo fato de serem excluídas do processo de criação cultural, as mulheres estavam sujeitas à autoridade/autoria masculina. Como a cultura e os textos subordinavam e aprisionavam, as mulheres antes de tentarem usar a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho ou devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas à autoridade que as aprisionava. Ainda assim, algumas mulheres conseguiram ultrapassar as barreiras impostas ao seu gênero e adentrar o *pantheon* sagrado do cânone literário, escrevendo “desde os ‘cadernos-goiabada’, como os denomina a escritora contemporânea Lygia Fagundes Telles, até jornais, romances e polêmicas” (TELLES *apud* DEL PRIORE, 2002, p. 403).

Telles (2002) ainda pontua que:

O êxito no território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil. Tanto que, ainda hoje ouve-se Hilda Hilst, escritora brasileira contemporânea, afirmar que a atividade de escrever requer muito esforço; ou ainda Zélia Gattai, em *Anarquistas graças a Deus* (1982), pensando no que diria sua mãe ao ler o livro: “Que menina atrevida! O que não vão dizer!” (TELLES *apud* DEL PRIORE, 2002, p. 410).

Essa luta durou mais de um século e foi travada, desde Nísia Floresta, por algumas mulheres que não consideraram em primeiro lugar “o que os outros vão dizer” e tentaram se livrar da tirania do alfabeto, tendo primeiro de aprendê-lo para depois deslindar os mecanismos de dominação nele contidos.

Nísia Floresta Brasileira Augusta era um pseudônimo adotado por Dionísia de Faria Rocha, nascida no Rio Grande do Norte, autora do livro *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832) que, entre outros assuntos, trata do preconceito da sociedade patriarcal brasileira para com a mulher. Usa da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres, visto que discorda do fato destas terem sido criadas para serem “escravas do homem”, com a obrigação de serem submissas e agradarem a eles. Em sua escrita, Nísia mantinha como preocupação primeira a educação das mulheres; pensava que o ensino poderia ser capaz de mudar as consequências e a vida material. A escritora trata da ausência da mulher no mundo, dos limites impostos pelos homens à sua educação, pois a eles não interessava contrariar um modelo de sociedade que lhes havia dado o domínio. Essas são as ideias que, até o final do século XIX, podem ser encontradas na obra de algumas escritoras brasileiras.

Apesar das limitações de distribuição e divulgação de opiniões na época, a obra de Nísia Floresta teve muita repercussão, sendo mencionada como exemplo por escritoras até o final

do século XIX. A necessidade da educação e a capacidade da mulher para as lides da cultura e da política foram repetidas inúmeras vezes. Observa Constância Duarte, em capítulo fundamental de *A Mulher na Literatura*:

Nísia Floresta questiona, em 1832, o porquê de não haver mulheres ocupando cargos de comando, tais como de general, almirante, ministro de estado e outras chefias. Ou ainda, porque não estão elas nas cátedras universitárias, exercendo a medicina, a magistratura ou a advocacia, uma vez que têm a mesma capacidade que os homens. Como se vê, ela vai fundo em suas intenções de acender o debate e de abalar as eternas verdades de nossas elites patriarcais (DUARTE *apud* GOTLIB, 1990, p. 40).

A citação ilustra com propriedade a proposta da obra *A mulher na Literatura* (GOTLIB, 1990) que, desde o seu título, evoca justificando o papel e representatividade da “mulher” no âmbito dos Estudos Literários. Esta obra refere-se ao terceiro volume, organizado por Gotlib, enquanto resultado dos estudos produzidos pelo “GT- A mulher na Literatura”, que representa um dos inúmeros GTs da ANPOLL.

Diante da figura ilustrativa de Nísia Floresta, chama a atenção o fato e a valoração que Serejo atribui às mulheres inseridas no contexto de construção do Ciclo da Erva-Mate, destacando, assim, os motivos de serem caracterizadas como “heroínas”. Nesta perspectiva, alguns questionamentos são propostos: por que essas mulheres são importantes para o escritor? Por que estudá-las nesse período é relevante para os estudos regionais? Assim, Serejo sugere uma explicação:

Hoje, amanhã e sempre estas – infinitamente valorosas mulheres paraguaias que se irmanaram com muitas brasileiras, serão lembradas – como peças de ouro que foram, na conquista de mil sacrifícios da erva, num mundo hostil, onde nunca se sabia, se a madrugada seguinte seria uma sinfonia de exultação ou um grito de dor e tristeza perfurando as brenhas... (SEREJO, 1990, p. 75).

Deve-se sublinhar, portanto, que a representação da mulher nas obras serejianas reflete nosso interesse na verificação da figura da “mulher” enquanto partícipe de um universo de discurso característico do projeto artístico do escritor e enquanto figura representativa do contexto sociocultural em que suas narrativas foram produzidas, ou seja, não se propõe aqui, adredemente apontar questionamentos acerca da figura do feminino ou de suas derivações no campo político social e, particularmente, sobre questões relativas aos estudos de gênero na literatura.

A propósito, é ampla a bibliografia acerca da crítica e da autoria feminina em literatura, como exemplificam os capítulos de Zolin (2009a, 2009b); também é relevante da perspectiva da crítica feminina mencionar uma bibliografia que contribui para deslindar a temática de

nosso estudo, como, por exemplo, os estudos de Castello Branco (1991; 1989). Dito de outro modo, este trabalho deverá considerar a mulher enquanto objeto de pesquisa literária, enquanto representável num discurso específico. Ou seja:

Tal questão é: como fazer com que o discurso, com que aquilo que se diz, qualquer que seja a ciência, se faça representável? Este seria o mais alto ideal, a pretensão mais alta. Representável quer dizer: que seja uma representação válida, passível de ser comunicada a outros e que nesta comunicação – tratam-se de escritos, conferências, aulas – se teça algo que desejamos saber e que possa ser não apenas compartilhado, mas que tenha também seu peso consensual em relação a alguma verdade.

Nesse sentido, há uma questão de representabilidade que é exigida e é estendida a todo discurso. Talvez a melhor literatura seja a que alcança as maiores condições de representabilidade, e isso não só na literatura como em qualquer ciência, em que pese seu grau de formalização.

*Na literatura, escrever é, em certo sentido, dar representação a algo. Este algo pode ser chamado de muitas maneiras, pode ser muito íntimo, muito pessoal: o êxito, porém, de uma obra está em sua possibilidade de representabilidade, porque quanto mais representável é, mais abre um caminho em relação àquilo que se quer transmitir, à verdade, digamos, que diz respeito ao que se transmite* (FERREYRA, 1991, p. 36; grifos nossos).

Ainda nessa perspectiva, Ferreyra<sup>12</sup> conclui chamando a atenção para um aspecto que merece a nossa atenção:

Bárbara McClintok é um exemplo de como o que se rechaça é o ser, o ser que aparece como feminino. Isso, no entanto, é apenas um rechaço constitutivo da cultura da qual fazemos parte. Frente a isso pode haver posições reivindicativas, e o feminismo é uma delas, porque aparentemente, afirma – de um outro lugar – o mesmo que afirmam os machões. Bom, nada mais (FERREYRA, 1991, p. 44).

Resultado disso pode ser a sugestão apontada por Valéria Lamego, em “Retrato de senhora: a imagem da mulher brasileira na pintura e literatura do século XIX” (1991), que, procurando um retrato da condição da mulher na literatura, aponta para a mulher submissa, a virgem doméstica, a morta, a mãe, etc (Cf. LAMEGO, 1991, p. 57-66).

De outro lado, acresce salientar que a literatura sul-mato-grossense ganha relevância como um objeto privilegiado de problematização, visto que no *corpus* da pesquisa encontramos como vária e plural a representação das mulheres serejianas a fim de compreender o contexto no qual elas foram caracterizadas. Portanto, abordá-las sob o viés da representação, no cenário ervateiro da fronteira, proporciona o descortinar da vivência/formação cultural destas “heroínas dos ervais” através da narrativa ficcional histórica do escritor.

---

12 Psicanalista, membro fundador da Escola Freudiana da Argentina.

## 2.2 O sentido de representação da mulher na literatura de Hélio Serejo

Antes de adentrarmos à reflexão acerca do sentido de representação da mulher na literatura de Hélio Serejo, valemo-nos, primeiramente, do entendimento do conceito de representação. Deste modo, sob a perspectiva teórico-crítica, abordamos a definição do termo no *Dicionário de Teoria Narrativa* (1988), ao compreender que a representação:

remonta às reflexões platônicas e aristotélicas sobre os procedimentos imitativos adotados pelos discursos de índole estético-verbal [...] deve ser entendida em termos dialéticos e não-dicotômicos; o que significa que entre representante e representado existe uma relação de interdependência ativa, de tal modo que o primeiro constitui uma entidade mediadora capaz de concretizar uma solução discursiva que, no plano da expressão artística, se afirme como substituto do segundo que, entretanto, continua ausente (LOPES; REIS, 1988, p. 88).

A palavra representação está vinculada às áreas das Ciências Humanas, mas ela é fundamentalmente colocada no campo da Semiótica, da semiótica, dos sentidos, da significação. Sob esta perspectiva teórico-crítica, valemo-nos da contribuição de Foucault (1999) em *As palavras e as coisas* sobre o conceito de representação, ao registrar que:

Nos séculos XVII e XVIII, a existência própria da linguagem, sua velha solidez de coisa inscrita no mundo foram dissolvidas no funcionamento da representação; toda linguagem valia como discurso. A arte da linguagem era uma maneira de “fazer signo” — ao mesmo tempo de significar alguma coisa e de dispor, em torno dessa coisa, signos: uma arte, pois, de nomear e, depois, por uma reduplicação ao mesmo tempo demonstrativa e decorativa, de captar esse nome, de encerrá-lo e encobri-lo por sua vez com outros nomes, que eram sua presença adiada, seu signo segundo, sua figura, seu aparato retórico. [...] Todas as representações são ligadas entre si como signos; em conjunto, formam como que uma imensa rede; cada uma na sua transparência se dá como o signo daquilo que ela representa; e todavia — ou, antes, por isso mesmo — nenhuma atividade específica da consciência pode jamais constituir uma significação (FOUCAULT, 1999, p. 59; 90).

Convém aqui tratar do modo como Charles Peirce conceitua o signo, entendendo que “os signos seriam veículos do real – um real cujo caráter substantivo, essencial seria comprovado por sua anterioridade em relação aos signos” (SANTOS, 1998, p. 83). Nesse aspecto, Santos (1998) revela que a função da linguagem seria a de referir-se a algo anterior a ela, ou seja, “toda linguagem é uma formulação, uma transformação da realidade”. Assim, “o real não é prévio em relação à linguagem, mas simultaneamente constituído por ela e dela constituinte” (SANTOS, 1998, p. 83). Por conseguinte, pela ótica pierciana é observável que “quando percebemos alguma coisa, estamos selecionando, do conjunto infinito de detalhes que constitui essa coisa, certos elementos que nos parecem fundamentais, estamos propondo uma equação que torne possível um posterior reconhecimento dessa coisa” (SANTOS, 1998, p. 84). Com isso, constata-se que “representar é ‘estar em lugar de’, é tratar algo ‘como se’

fosse um outro algo. Nesse ‘como se’, o algo representado se erige e se desintegra, se revela e se oblitera” (SANTOS, 1998, p. 85).

Ao aprofundar o estudo acerca do signo literário, Santos (1998) trata do confronto entre o caráter simbólico e o caráter icônico revelando que o simbólico compreende que a palavra é, essencialmente, uma convenção (uma prática, uma *práxis*), “uma abstração que pressupõe uma determinação prévia de seu sentido”, caracterizando que “toda palavra possui, assim, um vetor referencial” (SANTOS, 1998, p. 85). Já o caráter icônico revela que a palavra “também possui uma concretude própria, além das lacunas de sentidos que permitem que ela projete, quando associada a outras palavras, possibilidades desconhecidas de significação” (SANTOS, 1998, p. 84).

Deste modo, acrescenta-se a esta reflexão o significativo registro de Santos (1998) ao afirmar que “a palavra literária possui, assim, um vetor que problematiza a referência” (SANTOS, 1998, p. 85). Portanto, “o saber literário pressupõe a consciência de que o real não é reconstituível pela linguagem, mas que é somente através da linguagem que podemos, de algum modo, tangenciá-lo” (SANTOS, 1998, p. 88).

Seminal é também, neste levantamento da fortuna crítica de *Diálogo de Signos* e seu autor, a análise do renomado crítico da literatura comparada, Jean Bessière,<sup>13</sup> *Literatura e Representação* (1995), ao propor que:

Na autonomia da escrita e da composição das escritas que os textos constituem, a obra define-se como o conjunto do que foi dito, contado, transmitido. O texto é, sem dúvida, na sua continuidade, uma espécie de inverossímil – contiguidade e parentesco de escritas, de convenções. O paradoxo continua a ser que semelhante texto, na comunidade dos textos que desenha, se oferece como uma suma do contado, quer dizer, como uma representação do contável, o que quer ainda dizer da História e do verossímil. [...] Todo o retomar do escrito pelo escrito envolve estatutos diversos do escrito, da sua relação com a convenção e com a crença: há representação porque há refiguração da série escriturária e das suas propriedades antecedentes. [...] A representação define-se por uma certa autonomia frente ao real e por um certo encerramento em si própria, e relativamente à historicidade e à mediação simbólica social, que retoma respectivamente sob o aspecto da universalidade do texto e do espaço que, através da simbolização, a ficção desenha (BESSIÈRE, 1995, p. 381-382; 390).

Ainda neste sentido, é oportuno retomar o autor de *Literatura e Representação* ao chamar a atenção acerca do conceito de representação:

A representação é sempre, por um lado, interpretativa da maneira como uma cultura se representa e, por outro lado, sempre uma metaforização, através da propriedade do escrito, dessa representação. Continua a excluir-se uma atribuição objectiva ou ideológica única. Sistema construído de símbolos, a obra compreende-se no conjunto social e cognitivo de uma cultura e de uma História, das quais propõe um

---

13 Professor Emérito da Universidade de Sorbonne Nouvelle Paris 3.

paradigma de leitura. A actualidade da obra é um dizer e um analisador da História. *Sob esse aspecto, a ficção é sempre mediadora – representação e contra-representação* (BESSIÈRE, 1995, p. 390; grifos nossos).

Com efeito, corrobora de modo especial a contribuição da estudiosa Pesavento (1995) ao sublinhar que:

Todo fato histórico – e, como tal, fato passado – têm uma existência linguística, embora o seu referente (o real) seja exterior ao discurso. Entretanto, o passado já nos chega enquanto discurso, uma vez que não é possível restaurar o já vivido em sua integridade. *Neste sentido, tentar reconstituir o real é reimaginar o imaginado, e caberia indagar se os historiadores, no seu resgate do passado, podem chegar a algo que não seja uma representação* (PESAVENTO, 1995, p 17; grifos nossos).

Deste modo, também Roland Barthes (1977) trata o conceito na obra *Aula*, afirmando que:

Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura. Que o real não seja representável — mas somente demonstrável — pode ser dito de vários modos: quer o definamos, com Lacan, como o impossível, o que não pode ser atingido e escapa ao discurso, quer se verifique, em termos topológicos, que não se pode fazer coincidir uma ordem pluridimensional (o real) e uma ordem unidimensional (a linguagem). (BARTHES, 1977, p. 20- 21).

Por conseguinte, Fiorin (2008) afirma que “a representação não é entendida como uma produção do homem, como um sentido gerado por ele, mas é vista como algo inscrito na própria natureza da relação entre linguagem e mundo. Não tem ela um estatuto semântico, mas um estatuto ontológico” (FIORIN, 2008, p. 199).

Em complementação à análise sobre a temática da representação, Foucault (1999) afirma que:

as representações não se enraízam num mundo do qual tomariam emprestado seu sentido; abrem-se por si mesmas para um espaço que lhes é próprio e cuja nervura interna dá lugar ao sentido. E a linguagem está aí, nessa distância que a representação estabelece consigo mesma (FOUCAULT, 1999, p. 108).

Já ao analisar o aporte teórico proposto por Hall (2003), compreende-se que “é dentro dos sistemas de representação da cultura e através deles que nós ‘experimentamos o mundo’, ou seja, a experiência é o produto de nossos códigos de inteligibilidade, de nossos esquemas de interpretação” (HALL, 2003, p. 171). Vale destacar também a consideração de Silva<sup>14</sup> (2006), de que a representação “é um sistema de significação, e o processo de significação é

---

14 SILVA, Luiz Tadeu (2006).

fundamentalmente social”. Portanto, a questão da representação é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela identidade.

Diante das importantes reflexões abordadas, vale observar que o sentido de representação norteador deste estudo define-se pela ideia *tout court*, mediante a qual se atribui um caráter simples, estrito, um discurso específico de representação da mulher na obra de Serejo, ou seja, a mulher que representa o ato de benzer, o ato de curar, de prostituir-se, a mulher em suas vivências, uma representação liminar, ou seja, dicionarizada, uma mulher “fotografada”, segundo os seus relatos. Nessa perspectiva, é relevante tratar sobre a representação como ferramenta para análise dos fragmentos serejianos, desempenhando a função de caracterizar as diferentes experiências das representativas protagonistas no Ciclo da Erva-Mate.

Acerca da temática da representatividade da mulher no contexto da Erva-Mate, é notório o estudo de Marin (2005) sobre a obra *Selva Trágica*, de Hêrnani Donato, que, por um viés de representação narrativa, apresenta a exploração da figura feminina nos ervais, destacando que a “desproporção numérica entre homens e mulheres tornava as mulheres muito desejadas e compartilhadas de forma comunitária” (MARIN, 2005, p. 111).

Sobre a presença das mulheres em *Selva Trágica* (1976), obra representativa da nossa literatura de fronteira, Marin (2015) registra que:

as poucas mulheres eram de nacionalidade paraguaia e, por isso, eram muito disputadas e desejadas pelos homens. Estavam presentes como *esposas, amantes, donas de casa, trabalhadoras temporárias e como prostitutas*. Nas ranchadas, dedicavam-se às tarefas de plantio de alimentos, ao cuidado das casas e dos filhos, ao preparo das refeições e como *benzedeiros, curandeiras e parteiras*. Na atividade ervateira, trabalhavam nas atividades menos especializadas, como as de acender o fogo do barbaquá e de ensacar o mate já manufaturado. As personagens eram belas, sensuais e femininas. Teriam, invariavelmente, cabelos longos, brilhosos e negros, pés descalços, seios fartos, caminhar elegante e provocativo. Para seduzirem os homens, costumavam perfumar-se ou banhar-se em chás de ervas e flores silvestres. Assim, mesmo embrutecidas pela vida, eram vaidosas e procuravam, na medida do possível, permanecerem belas e atraentes. As mulheres jovens conquistavam certos privilégios que as mais velhas não tinham, como maior número de presentes, dinheiro e homens. Apesar disso, pela raridade, as mulheres velhas, já marcadas pelos sofrimentos dos ervais, também eram muito desejadas e vivenciavam amores fiéis (MARIN, 2015, p. 157-158; grifos nossos).

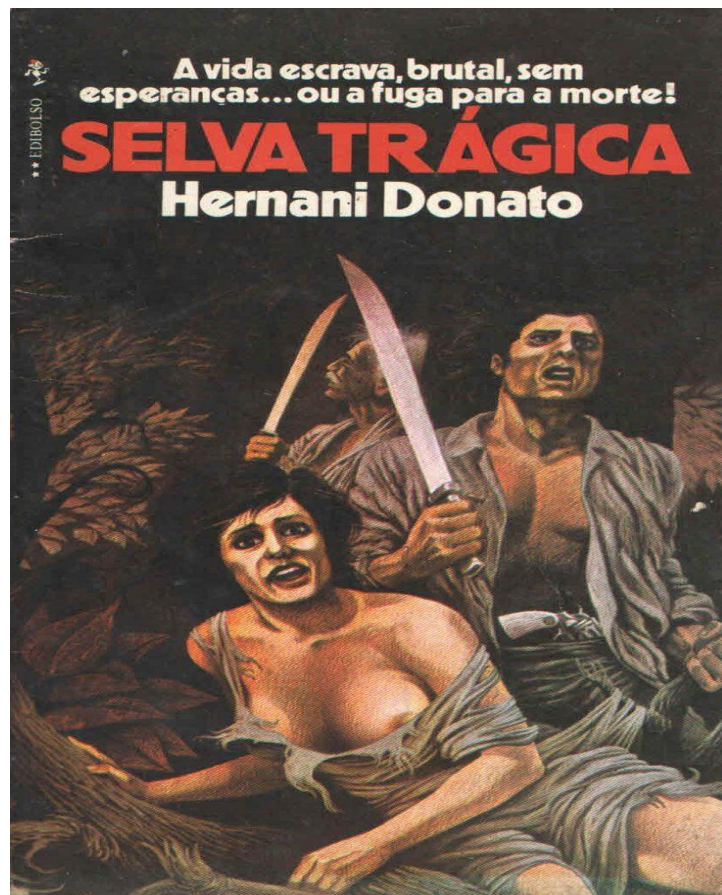
No artigo “A presença, venda e aluguel de mulheres na fronteira do Brasil com o Paraguai: limiares entre história e ficção nas narrativas de Hêrnani Donato e Hélio Serejo” (MARIN, 2015), o pesquisador ressalta que “A venda de mulheres era uma prática frequente e se configurava na negociação de uma mercadoria e na compra de um bem” (MARIN, 2015, p. 148). Importa sublinhar, como registra Marin, que, da perspectiva histórica, a presença de

mulheres paraguaias disputadas no espaço do erval constitui-se de um emblema de sedução e atração erótica, pois que essas mulheres eram, de fato, tidas como as mais desejáveis dentre os trabalhadores da Companhia, como ilustra à propósito a capa de *Selva Trágica* (Cf. Fig. 1).

Vale acrescentar ainda, nesta perspectiva de Marin, a pesquisa de Soares Junior (2016), intitulada “O Drama dos ervais em Selva Trágica, de Hernâni Donato”, ao demonstrar, na capa de edição da referida obra do ano de 1976, a figura de uma mulher erotizada, como objeto sexual explorada nos ervais. Desse modo, Donato retrata a mulher libidinosa, que chama a atenção para a profissão mais antiga do mundo e aponta “a exploração forçada da presença da mulher, como objeto de satisfação, prazer, e exploração erótica, relacionando-a à necessidade física e de instinto dos trabalhadores dos ervais, que naquelas lonjuras eram condenados a viver em regime de semiescravidão” (SOARES JUNIOR, 2016, p. 94).



Figura 1 – Capa da edição de *Selva Trágica* (1976)



Fonte: Donato, H. *Selva Trágica*, 1976.

Como Serejo também é um escritor dos ervais, não se furtou a representar as mulheres mediante características muito variadas tornando-as protagonistas de suas narrativas. Daí, interessar-nos, agora, verificar algumas das diversas facetas que caracterizam as mulheres em narrativas e enredos do escritor.

### 2.2.1 A mulher-macho bandoleira

Na obra *4 Contos* (1939), Hélio Serejo apresenta a história de Maria Aparecida Belmonte, protagonista do relato vulgarmente conhecida com o cognome de “Capittoa”, no período do final do século XIX até a década de 1913. Casada com o capitão Belmonte, por isso Capittoa, ela lutou com coragem, entusiasmo e sangue frio na Revolução do célebre Gumercindo Saraiva, em 1893, no Rio Grande do Sul, fato que fez com que sua figura feminina merecesse o respeito de todos. Após a morte de seu esposo na Revolução, passa a ser chamar Capittoa e parte para Mato Grosso, na região de Nioaque. A partir daí, passa a usar a farda do falecido marido: bombacha grande, túnica de soldado, a inseparável espada e o

revólver de cabo preto para comandar a tropa. Apesar do seu gênio forte, de usar voz grossa, autoritária e rompante, tinha os seus “melindres femininos” (SEREJO, 1939, p. 7). O escritor comenta que ela “possuía aquela mania doida de comandar homens armados, fazer bailes, tocar sanfona, amar animallescamente, dar ordens drásticas e sair, noite a dentro, trotando pelos descampados, soltando para o ar grossas baforadas do seu cigarrão de palha” (SEREJO, 1939, p. 6).

Nos relatos do escritor, Capitoa encheu os lares de pavor na região entre os rios Brilhante, Perdido e Imbirussu. A mulher bandoleira é caracterizada por Serejo com estatura baixa, pele morena-clara, cabelos negros compridos, olhos levemente esverdeados, andar nervoso. Mantinha consigo a inseparável espada e o 44 de cabo preto, a faca e um belo rebenque, usava esporas e chapéu e fumava cigarro de palha, gostava de música e sempre tomava parte como hábil sanfoneira, “dava a vida por uma musiqueada” (SEREJO, 1939, p. 82). Em traje masculino, tirava uma donzela e saía dançando, não gostava de dançar com homens. Diante desse tipo de comportamento, Serejo revela que “muitos ‘quartéis-generais’ tiveram essa estranha figura feminina”, intempestiva e de gênio forte (SEREJO, 1939, p. 5). Não gostava que cristão algum menosprezasse a sua pessoa. Era tremenda feiticeira. Durante longo tempo manteve em sua companhia meninas bem bonitas e com elas dormia e numa estúpida carícia de macho, rebolecava-se na cama, beijando-as num verdadeiro delírio. Era uma mulher de espírito diabólico, asquerosa, turbulenta e mandona. Tinha voz de macho e cheirava a carniça. Capitoa era ignorantona e atrevida, não recebia ordem de ninguém. Mulher de espírito diabólico, o castigo de Capitoa para quem a afrontasse era obrigar o homem a ser seu amante, assim como ocorreu com Marcos, o filho das Gerais. Serejo ainda revela que a mulher-macho “possuía as suas perversidades [...] Mas o coração – vez que outra – sabia ser dócil, ser meigo, ocasião em que a mulher-fera exteriorizava ternura de mãe! [...] Perdoava tudo e se apiedava dos próprios inimigos” (SEREJO, 1939, p. 23).

Depois da morte de seu amante número um, o pernambucano Pedro Osório de Brito, Capitoa recebeu uma ordem de prisão do tenente Gomes. Tirou-lhe suas armas e as de seu grupo, cortou seus cabelos e “ordenou que lhe passasse o pincel ensaboado pela cabeça e corresse a navalha filosa em todas as curvas. Trocou-lhe as vestes masculinas deixando, porém, em seu poder, a sua sanfona e a velha espada por ser esta relíquia de família” (SEREJO, 1939, p. 26). Assim, Capitoa foi para Campo Grande, onde teria apoio certo com um compadre, porém não queria dinheiro, e sim armas. Conseguiu o material bélico que tanto desejava e voltou a criar os entreveros nos bailes, abrindo briga juntamente com seu bando

dividido em cada canto da cidade. Por fim, veio uma ordem de prisão de Cuiabá ao delegado de polícia: “destróçar o grupo da Capitoa por qualquer meio” (SEREJO, 1939, p. 27). Assim o fizeram, e na captura, Capitoa saiu ferida na coxa. Após meses, surgiu na cidade abatida pelo reumatismo, pelos fracassos e pela idade, porém, armou uma tenda para vender curau, doce de amendoim, mamão, garapa e pamonha na rua Dom Aquino. Logo veio a revolta do general Isidoro Dias Lopes e nunca mais houve notícias dessa mulher.

A mulher representada nesta obra tem uma multiplicidade de significações: ora pecado, ora mistério, ora diabólico, ora erótico. Capitoa, essa mulher multifacetada, vive um espaço de perturbação.

A personagem feminina em *4 Contos* (1939) é representada com base nas características masculinas que, diante de uma mescla de mulher-macho bandoleira, nota-se a desconstrução do padrão de identidade feminina ao descrever determinada maneira de viver de uma mulher, que expressa certos sentidos e valores diferentes das mulheres do seu meio cultural.

Sublinhe-se que a cultura dominante na época outorgava à mulher um lugar subalterno. Ao representar a personagem Capitoa como “um misto grotesco de humano e de besta”, “tremenda feiticeira”, “vingativa e cruel”, “mulher-fera”, “quartel general”, o autor dispõe de elementos culturais não-tradicionais na representação feminina. A presença de elementos culturais reveladores de um cotidiano próprio faz parte do projeto de construção da identidade cultural que revela ao mundo a versão do dominado sobre si e sobre seu modo peculiar de ser e de viver. Capitoa, uma mulher que assume o papel de sujeito histórico, revela “a mulher-macho” do meio social onde vive.

### **2.2.2 A mulher curandeira**

Na obra intitulada *Nhá Chaló* (SEREJO, 2008, v. 6, p. 263-286), inserida na coleção *Obras Completas de Hélio Serejo*<sup>15</sup>, a protagonista homônima é conhecida como a mais famosa curandeira e parteira dos ervais de Mato Grosso do Sul. Serejo relata que ela passara toda sua mocidade nos domínios da Industrial Paraguaia, reduto de trabalho dos pais, e, assim, os ajudava: fazia de tudo na ranchada, desde o preparo do fogo no *barbacué* até o ataqueio que exigia muita perícia. Jamais procurou arrimar-se a um homem enquanto viveu ao lado dos genitores. Tinha personalidade e uma conduta irrepreensível, sua disposição para o trabalho

---

15 Todas as referências às *Obras Completas*, de Hélio Serejo, farão referência à coleção de 9 volumes, organizado por Campestrini (2008).

sempre provocava comentários. Tinha um jeito quieto, confiava em Deus e na sua coragem, jamais pensou em fracasso.

Alta, magricela, angulosa, rosto fino, tinha qualquer coisa de misterioso no olhar. “Moça franzina, mas gigante nas reservas interiores” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 263) se empregou como cozinheira em Mato Grosso (fronteira). Seu pai morrerá de picada de jararaca e a mãe, “lutadora pertinaz” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 263), após um parto sofrido, contraiu uma febre e morreu. Atendendo ao pedido da mãe, Nhá Chaló ficou responsável pelo irmão e assim “sua vida seguiu o caminho da benemerência, compaixão e amor fraternal. Sentia desejo, irrefreável, de socorrer o irmão sofredor, de ficar à sua cabeceira noites e noites. Era uma enfermeira de desvelo e sem limites” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 264). Seu carinho para com qualquer doente tinha reflexos divinos. Sua fama de curandeira varou fronteiras, daí “passaram a vê-la como uma criatura excepcional, de brilho estranho no olhar e, acima de tudo, uma mulher que possuía mão santa (SEREJO, 2008, v. 6, p. 264). Chaló tornou-se profunda conhecedora da miraculosa medicina crioula e não cobrava pelo tratamento que prestava aos doentes. Os médicos concluíram que a mulher guarani era dotada de alguma força superior; ninguém duvidava do poder sobrenatural naquela mulher de braços longos e falar cadenciado, dom para as curas e aquele sentimento de piedade para com os enfermos. Diziam que ela tinha nos dedos o toque de Deus – daí a razão das grandes e milagrosas curas, pois seu dom de curar veio do Alto. Serejo diz que “A paraguaia de mãos santas que veio a este mundo para cumprir uma missão” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 272), sempre foi amada por todos e respeitada, era considerada quase que uma santa, o que queria era manter sempre o coração aberto para poder prestar ajuda ao próximo, “dava força aos doentes, pedindo e curando o sofredor” (SEREJO, 2008, p. 264). Serejo relata que “nunca houve mulher igual a Nhá Chaló nos ervais de Mato Grosso. Um exemplo, um espelho, um símbolo” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 267; grifos nossos). Como se observa no trecho a seguir:

Ela curou centenas e centenas de criaturas, atendeu parturiente aos montões, rasgou tumores, enfaixou pernas e braços, endireitou espinhas, fez fechar ferida braba, estancou sangue, tirou veneno, tratou de cabeça azangada, fez voltar claridade a muitos olhos, afugentou feitiçaria, deu vida a parte morta do corpo e fez andar paralítico (SEREJO, 2008, v. 6, p. 273).

Nhá Chaló entendia de parto; sua mãe era parteira de grandes conhecimentos e com ela aprendera o divino ofício. Havia respeito e amor pelos pais, além da saudade.

Com incomensuráveis reservas físicas, era uma mulher que se diferenciava das demais até no jeito de arrumar os seus longos cabelos. Sabia lidar com o machado melhor do que qualquer homem, “uma atiradeira de espingarda que não perdia tiro” (SEREJO, 2008, v. 6, p.

265). Era a primeira a se levantar na madrugada alta a fim de acender o fogo da cozinha. Falava pouco, dava ordens com poucas palavras, não discutia nunca, preferia aconselhar quando possível, não tinha boca para ofensa.

Nesse aspecto, encontramos a mulher representada com o dom medicinal, reconhecida como a “notável mulher paraguaia”, que transbordava amor e compaixão, uma vez que o nítido dom de curandeira foi de extrema valia em ranchos trabalhados e nos percursos trilhados pelos ervais em ranchadas ervateiras da região sulina mato-grossense.

### 2.2.3 A mulher prostituta

Considerando a análise da obra serejiana, é possível encontrar a figura da mulher prostituta em vários relatos do escritor, uma vez que, no espaço hostil e inóspito dos ervais, elas também surgiam nas bailantas para a “alegria” dos peões. Assim, entre as seis prostitutas abordadas, ilustramos primeiramente Nena Patacón presente na obra *Pialando... no más* (SEREJO, 2008, v. 07, p. 56-57), uma personagem folclórica de Pedro Juan Caballero. Sobre essa prostituta, Serejo registra que:

Fez, com o tempo, a sua freguesia. Freguesia não muito qualificada. Nena, porque aceitava qualquer um, apanhou toda espécie de doença, muito especialmente gonorreia, o grande mal da época, a temerária enfermidade.

A Patacón conservava nos lábios, invariavelmente, esta expressão: *dar la vagina sin pago alguno va contra sus principios... el pago era sagrado, aunque sea de dos, cuatro a cinco pesos*. Foi por esse motivo que Nena virou Patacón. Soldados da polícia do Brasil a visitavam constantemente. A tabela era barata e... o corpo servia muito bem para descarregar o trabuco.

Desgraçado aquele que deixasse de pagar a Patacón. Com ira fora do comum, Nena punha a boca do mundo, numa terrível *verguenza en la cara...engañar a una mujer que gana su pan com el cuerpo, és acto indigno... um procedimiento deplorable*. E sempre concluía a sua revolta com esta expressão: *hombre sucio, sinverguenza, disqualificado* (SEREJO, 2008, p. 56-57; grifos do autor).

Já no relato intitulado “Velhinha encarquilhada” (SEREJO, 2008, v. 3, p. 208-209), inserido na obra *De galpão em galpão* (SEREJO, 2008, v. 3, p. 201-233), Serejo retrata a índia que transbordava desejo, sendo apresentada como motivo de discórdia e que “se perdeu, um dia, nas teias traiçoeiras do amor. Perdeu-se, caiu na lama, para nunca mais se levantar... E colocou à venda o corpo torneado. Um sorriso, um abraço, algumas moedas, e uns instantes de prazer!” (SEREJO, 2008, v. 3, p. 209).

Já noutro relato intitulado “Quilombero” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 78) desponta a prostituta profissional “permitida nos ervais, desde que estivesse amigada com um peão de bom procedimento, porém, com uma condição: não podia ficar grávida” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 78), visto que tal feito atrapalharia a vida do homem do erval, pois as funções na lida eram

desgastantes. Além disso, ela não poderia causar entevero de qualquer tipo nem engravidar por descuido ou por “querer amarrar o companheiro pelo sentimento paternal” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 78). Caso isso acontecesse, a quilombero era abandonada por ter sido desajuizada.

A representação da mulher prostituta também é encontrada no relato de “Mulher quitandeira” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 181-182) ou “mulher de muitos”, como uma figura exposta em diversas estâncias dos ervais, “rainha dos fandangos e de carreiradas; serviu a vários senhores, aguentando, com resignação, o gelo do inverno implacável ou o calor martirizante, trotando o dia inteiro, sem poder adoecer” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 181).

Da mesma forma, o escritor registra a ocorrência da “Perdida” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 182-183), relato de uma mulher que “vivía, de déu em déu, de festa em festa, de bochincho em bochincho, vendendo o corpo, maneando os homens no abraço, desaforenta, provocadora, armando pampeiro...” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 182). Juntou-se com um velho e, por uma tragédia desenhada pelo destino, morreram envenenados com a farinha da taioba braba.

Por sua vez, em “Cuñarecovai” (SEREJO, 2008, v. 4, 79-80) surgem as prostitutas, em sua maioria paraguaias que sabiam muito bem respeitar as leis dos ervais, sem pensar em gerar algum pretenso ato de infidelidade, o que “podia custar-lhe violenta surra com o temível *teyu-ruguáy* (chicote de rabo de lagarto), ou mesmo a própria vida” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 79). Com a adaptação à vida difícil dos ervais, foram se transformando em “escravas submissas” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 79), e, conforme Serejo:

heroicamente, ombro a ombro, passavam a lutar ao lado do seu eleito, do homem que escolheram, num dia qualquer, para fazerem a vida juntos, com a mesma compreensão, a mesma força e o mesmo amor selvagem, unindo os trapos, os sofrimentos, os instantes de alegria e as amarguras (SEREJO, 2008, v. 4, p. 79-80).

#### **2.2.4 A mulher valente**

Quem quiser fazer justiça, ao se referir a ranchada, erva, transporte e ranchos, jamais poderá olvidar a extraordinária mulher paraguaia, a que veio de pontos distantes de sua pátria, à procura do eldorado do mate sul-mato-grossense (SEREJO, 2008, v. 8, p. 59).

A citação, extraída do relato “A valente mulher paraguaia” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 59-61), ilustra uma mulher forte e corajosa que, diante dos rumores de riqueza dos ervais no espaço de fronteira de Mato Grosso, deslocou-se “levando dentro do peito aquele desejo

irrefreável de encontrar meios de *ganar con compensación para ahorrar algunas plattas porque la viejez llegará com el passar del tempo*” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 60).

Sua valentia é representada pelo desbravar da selva, por suportar todos os tipos de bichos que o eldorado da erva trazia ao seu encontro. No trabalho penoso de ensacar a erva, conduzir as arrias, fazer as roças, “era um homem completo” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 60). Assim, Serejo descreve que a valente mulher paraguaia “ajudou até a conduzir arrastras, para a necessária carga do barbaquá, naqueles dias de tormentos, quando a maleita braba, na força de um rigoroso inverno, derrubou parte da peonada, pondo em pânico a administração” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 60). Esta valente mulher tinha um sonho: fixar-se em algum lugar, ter um espaço para a roça e a criação, que seria deixado para os seus filhos, porém algumas mulheres conseguiram alcançar tal feito. Assim, destacamos no fragmento “Nhá Livrada” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 268-273) a mulher “também conhecida por nhá Livrada Pucu (*puku*), responsável, e de lidar sem canseira. Participou ela da brabeza da entrada, desempenhando papel de homem macho. Respeitava e fazia-se respeitar. Era um amor de criatura, diziam” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 269).

Outra inserção abordada nos relatos do escritor sobre a valente mulher é encontrada em “Nhá Bina” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 197-198), que despontou nos ervais ainda jovem e se tornou a mulher forte na boca do sertão, onde enterrara o filho e o marido, Tibúrcio do Engenho, “companheiro inquebrantável, de muitas jornadas de martírios e desenganos” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 197). Nhá Bina adorava bater o seu cachimbo na barriga do pilão; findou sua vida aos oitenta anos, “encarquilhada”, como registra Serejo, porém “ali ficou seu corpo, que nas noites escuras, sem lua, aparecia para rondar as paragens. E aparecia, fumando cachimbo... sentado no pilão que o Tibúrcio fizera a golpes de facão e enxó” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 198).

Registra-se também a presença de “Nhá Chamé” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 50-57), relato encontrado na obra *Contos Crioulos* (SEREJO, 2008, v. 9, p. 41-126), mulher incansável e decidida dos ervais, que sofreu muito com a morte do marido, Ramón Aguero, prestativo ajudante da ranchada ervateira de Porto Baunilha. Como responsável pela cozinha da administração da indústria, Nhá Chamé “não conhecia desânimo” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 55) para realizar suas tarefas como socar a erva no pilão e costurar perfeitamente as bolsas de erva-mate moída. Com “um coração que só sabia cultivar o bem” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 56), era de pouca conversa e se afeioou pela vivência ervateira que a vida havia lhe reservado, considerando como sua família: dom Chico Serejo, Hélio Serejo e o cachorro de

estimação de Ramón, o Dragão. Após anos de dura lida e vencendo grandes percalços, Chico Serejo vendeu as suas terras, os ervais de Porto Baunilha e Nhá Chamé foi para Vila Encarnación encontrar uma irmã costureira que “*tenía una bola em la varriga e que solo una operación sanaria el mal*” (SEREJO, 2008, v. 9, p. 56) – no entanto, morreu ao ser operada.

Nota-se uma profunda admiração do escritor com relação ao otimismo dessas mulheres frente às adversidades da vida, caracterizadas como heroínas admiráveis, distintas, que adentraram ao mundo desolado dos ervais, e nos lembra que, entre muitos nomes<sup>16</sup>,

hoje, amanhã e sempre, estas infinitamente valorosas mulheres paraguaias que se irmanaram com muitas brasileiras, serão lembradas como peças de ouro que foram na conquista de mil sacrifícios da erva, num mundo hostil, onde nunca se sabia se a madrugada seguinte seria uma sinfonia de exultação ou um grito de dor e tristeza perfurando as brenhas (SEREJO, 2008, v. 8, p. 61).

### 2.2.5 A mulher chipeira

Reconhecida como a chipeira dos ervais no relato “Nhá Rosária, a chipeira” (SEREJO, 2008, v. 7, p. 59-60), esta mulher adquiriu grande fama com o singular ofício, uma vez que tinha uma técnica especial ao produzir o alimento e isso a orgulhava. Após a morte de seu companheiro, Juan Segóvia, picado por uma cobra cascavel, Nhá Rosária passou a viver com Aparício Belmonte, natural de Santo Antônio da Patrulha, Rio Grande do Sul. Nos fragmentos de Serejo sobre a vida desta chipeira, destacamos um fato relatado por Erôncio Acorralbio, um assuncenho, furador de ervais:

nhá Rosária, ainda jovem, ao se ausentar, por sérias desavenças com a família, deixou na capital “um fruto proibido”. Como não podia conduzi-lo, pois nem destino certo tinha, deixou o rebento aos cuidados de uma amiga. Nele, entretanto, pensava dia e noite. Tomou, certa feita, uma decisão: *compró en los alrededores de Asunción una chacra con pastaje para caballos y muchos árboles frutales, determinando que la escritura saliese em nombre de la criatura, um chico de mucha salud.*

Vendendo a sua chipa, sem igual na região, a paraguaia atenciosa pagou o imóvel até o último centavo. Um exemplo notável nhá Rosária. Construiu seu mundo, a sua felicidade, vendendo chipa (SEREJO, 2008, v. 7, p. 59-60).

---

16 Aqui Serejo elenca nhá Chaló, nhá Chamé, nhá Bina, nhá Poli, nhá Tuca, nhá Bela, nhá Bilu, nhá Tina, nhá Flor, nhá Tuna, nhá Tina, nhá Bia, nhá Rosa, nhá Kely, nhá Zefa, nhá Felícia, nhá Pera, nhá Cida, nhá Vera, nhá Chica, nhá Bula, nhá Grina, nhá Zumba, nhá Fortu, nhá Cora, nhá Mina, Joana Segóvia Carneiro, Arcina Muela Arce, Aniceta Salgueiro, Vera Centurión, Ramona Herrera Coso, Cármen Dias Sosa, Eleotéria Hernandez, Sibila Alvarenga, Ana Cueva Velasquez, Patrocínia Bobadilha, Pirila Bobadilha, Paulina Salinas, Ingrácia Ruiz Puba, Irce Ruiz Puba, Acendina Cristaldo, Verona Aliende, Balbina Sepúlveda Perse, Dalmira Sepúlveda Perse, Enízia Escalante, Maria Conceição Escalante, Epifânia Robledo, Ergotina Sosa Calderón, Otávia Silveira Brum, Amândia Aguillera, Lúcia Ferreira Nuñez, Plácida Ávila Paz, Virginia Alfaro, Saldívia Cabral, Maria de Fátima Azalin, Josefa Borba, Valeriana Morales, Gervásia Godói La Cruz, Joana Escobar Vasquez, Cyrila Cardona, Silvana Aragonês, Mariana Biermen, Júlia Saly Biermen, Flaubina Toste Segóvia, Leonarda Camacho, Priscila Quevedo Bira, Felícia Rangel, Erga Caballero, Ergotina Caballero e Zenóbia Arrua (SEREJO, 2008, v. 8, p. 61).



A chipeira e Belmonte terminaram seus dias na cidade de Encarnación.

Convém destacar que a chipa é um alimento típico da cultura paraguaia que assemelha-se ao pão de queijo mineiro, porém modelada em forma de ferradura e com sabor peculiar.

### 2.2.6 A mulher heroína do erval

Ao caracterizar esse tipo de mulher no cenário ervateiro, é perceptível a atribuição do adjetivo “heroína” nos relatos do escritor. Para compreendermos o notável valor conferido a essa tipificação da mulher, Serejo revela no fragmento “As heroínas dos ervais” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 35-36) que essas mulheres constituem, essencialmente, figuras marcadas pelo sofrimento e resignação. Detentoras de uma força inigualável, as protagonistas dos ervais “chegaram a pé, com os olhos incendiados de expectativa. Viveram elas vida de martírios, mas tudo suportaram ao lado do companheiro [...] prestando ajuda preciosa aos que se atiraram, afoitamente, contra aquele mundo, até então, incógnito e enigmático” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 35).

Na obra *Homens de Aço* (SEREJO, 2008, v. 1, p. 227-278) elas são retratadas como “verdadeiras sentinelas de granito na luta peripeciosa dos ervais” (SEREJO, 2008, v.1, p. 245) e que “enfrenta a luta com desassombado otimismo” (SEREJO, 2008, v. 1, p. 246). No relato “Homenagem de reconhecimento” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 69-70), é descrita como “a imagem portentosa da resignação e o símbolo augusto do amor e da coragem” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 70). Também encontramos em *Canto Caboclo* (SEREJO, 2008, v. 2, p. 183-262) o poema “Jura” (p. 235) que aponta a representação de uma mulher companheira, afeiçoada ao seu companheiro.

*“Se tu chorares, chorarei também;  
se sorrises, por certo, que rirrei;  
e se revolta sentires, por alguém,  
resoluta, contigo, lutarei...”*  
(SEREJO, 2008, v. 2, p. 235)

Cabe ilustrar aqui o representativo trabalho sobre as “Heroínas da fronteira Brasil/Paraguai: 1864-1867”, da obra *Mulheres na história de Mato Grosso do Sul*, em que Maria Teresa Dourado observa enfaticamente:

As mulheres estiveram, em grande número, presentes nos quatro exércitos envolvidos, durante o período da guerra, acompanhando, por várias razões, os homens. Seguiam seus companheiros e asseguravam parte dos serviços necessários

para o funcionamento de um exército em campanha, por exemplo, o abastecimento, os cuidados médicos e alimentares. O fenômeno era característico dos exércitos da América do Sul dessa época. Essas companheiras – mães, esposas, prostitutas, viúvas, enfermeiras, soldadas, andarilhas, vivandeiras, prisioneiras, escravas – eram vítimas silenciosas, inventivas nas privações da vida cotidiana e mostravam grande resistência diante de provações físicas; contudo, com raras exceções, são, até hoje, as eternas esquecidas da História da Guerra do Paraguai. [...] Esse exército invisível ainda não se transformou efetivamente em objeto de estudo; sua história encontra-se dissolvida na história dos homens que ocupam ainda hoje o centro da cena, pois as armas e a guerra têm sido associadas à masculinidade. Aqueles que vasculham sistematicamente as fontes históricas da guerra do Paraguai verificam que as imagens das mulheres surgem, na maioria dos casos, nas entrelinhas e ocupam espaço casual [...] (DOURADO, 2017, p. 195-196).

Ainda no mesmo trabalho, Thompson observa o seguinte:

Pontue-se que as mulheres, além de vítimas fortuitas, e muitas vezes majoritárias, dos saques, das doenças, eram também vítimas designadas a mártires. Mártires ao lado dos homens, vivenciando calvários cruéis como estupros cometidos pela maioria dos exércitos que, em momento de guerras, abolem códigos relativos, por exemplo, ao respeito à pessoa humana. Algumas foram enviadas a Assunção e ali distribuídas a diferentes famílias para trabalharem como empregadas domésticas em troca de comida. “Muitas, entretanto, tiveram de mendigar nas ruas, e era constrangedor ver quão desgraçadas pareciam” (THOMPSON *apud* DOURADO, 2017, p. 202).

### **2.2.7 A mulher benzedeira**

No relato “Benzedeira” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 64-65), Serejo destaca uma senhora solitária abarrotada de raízes que morava em qualquer canto do sertão, uma “mulher caminhadeira”, conhecida também como “bruxa dos montes e dos vales” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 65). Sobre seu dom, o escritor registra que “Menina, se pôs a benzer; moça, se fez benzendo e, na velhice extrema, ainda benzia, com a mesma consciência dos argutos apóstolos. Para curar bicheira, derrubar o bicho antes da entrada do sol, somente ela sabia o segredo” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 65). Sua missão era bater de porta em porta, benzer e rezar, sempre caminhando e sofrendo. Ao completar noventa anos, encontraram-na morta e não quiseram velar seu corpo, pois o medo tomou conta das pessoas tamanha a feiura apresentada: a benzedeira parecia ter absorvido todas as mandingas da terra.

### **2.2.8 A mulher mandingueira**

Ao analisar o fragmento “Mandingueira” (SEREJO, 2008, v. 3, p. 293-294), encontramos Nha Zefa, que, diante da morte do querido neto, atacado de mal desconhecido, ficou muito confusa e “passou a repetir, dia e noite, aquele nome de maldição: mandinga”

(SEREJO, 2008, v. 3, p. 294). Deste modo, o adjetivo “mandingueira” tornou-se apropriado, uma vez que todos tinham o conhecimento de sua história dolorosa.

Como mulher “guapa e valente” (SEREJO, 2008, v. 3, p. 294), de gestos rudes e de “olhar parado e morto” (SEREJO, 2008, v. 3, p. 293), Nha Zefa foi parteira, doceira, farinheira, queijeira, padre, juiz, carreiro, alcoviteira, e “naqueles ermos, só ela mandava; e mandava como gente grande” (SEREJO, 2008, v. 3, p. 294). Ao adentrar no espaço dos ervais, espantou, com sua espingarda em punho, os índios que ali viviam e se instalou.

### **2.2.9 A mulher honrada**

Ramona Acuña Samaniego, inserida no relato “Mulher honrada” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 196-198) era apelidada de Samá e gostava de ser chamada por este cognome afetivo. Paraguaia divertida e conformada, “vivia de ranchada em ranchada” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 196). Ao aparecer com Juan Estigarribia na ranchada de Itaquiraí, já contava o terceiro companheiro. Samá amava “correr mundo, conhecer outras caras e ares de novos rincões, o que lhe proporcionava novo alento de vida” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 196). Tinha o dom das palavras e conhecia as folhas e raízes que curavam, pois sempre acertava na preparação de um banho restaurador para sarar qualquer doente. Embora fosse habitual a troca de marido, ela mesma considerava uma mulher honrada quando alguém lhe perguntava como ela estava. E a resposta comum era: “*Acá como pobre, pero siempre como mujer honrada...*” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 197). Já estava no oitavo marido, quando o pai do narrador, Dom Serejo, a encontrou em Turim. Entre uma conversa amistosa, gargalhadas se ouviam quando Dom Serejo “lhe disse que precisava parar, pois oito homens em sua vida era já suficiente. Deus não podia achar bom. Ademais o nome de *mujer honrada* já não estava valendo mais nada” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 198). Sobre o título de “mulher honrada”, vale destacar certa ironia ou glosa.

### **2.2.10 A mulher lendária**

São evidentes, na obra de Serejo, as variadas performances/atuações da mulher lendária como partícipe das estórias dos ervais. Iniciamos a análise pelo texto “Katira” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 84-86), no qual encontramos uma índia amaldiçoada, “de cabelos negros e compridos esvoaçando ao vento e de olhos azuis como a flor de mançava, a cantar... a cantar...” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 85). A lenda revela que a índia, com sua beleza estonteante,

enamorado-se de um homem branco. Diante do sentimento de traição à sua cultura, o pajé decidiu lançá-la ao rio, porém este não recebeu seu corpo; ficou jogada sobre uma pedra. Como vingança da ação dos bororos, Katira “fica ali sentada até ver as águas revoltadas, que guardam a sua caverna, tragar o corpo daquele que se atreveu a chegar até ali” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 85).

Em *Lendas do Estado de MS*, no relato “A bruxa” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 97-99), encontramos a figura da mulher, a sétima filha do casal, que, por pertencer a essa ordem de nascimento, tem um compromisso com o diabo, considerado “seu parceiro e orientador” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 97). Assim, transforma-se em bruxa, na qual “dá três gritos fortes, três pulos com a perna esquerda, untando os dois braços, inteiramente, com um líquido espesso para que estes se transformem em asas” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 97).

Caracterizada como uma velha magra, nariz curvo, enrugada, cabelos compridos e lisos, a mulher-bruxa ronda os vilarejos e ranchos montada em um cabo de vassoura, porém, quando está acompanhada de seu cavalo, procura se alimentar de sangue de criança recém-nascida e, quando fica desesperada por danças e bailados, arromba a porta do primeiro armazém que tiver vinho e se embebada. Ao amanhecer, quando o dono abre o galpão, encontra uma mulher nua repousando ao invés da bruxa embriagada. Segundo Serejo, “na região sulina mato-grossense, em era remota, ela imperou com poderes de rainha, afirmando muitos que, quanto mais escura era a noite, tanto maior se apresentava o seu poder maléfico” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 99).

Na obra *Contas de meu rosário* (SEREJO, 2008, v. 4, p. 07-59), a mulher lendária é representada pelo relato “Curupira” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 52-53), em que o escritor a caracteriza como “sendo uma índia, velha e angulosa, esquelética, de pele toda enrugada, cabelos em maçaroca e olhos esbugalhados” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 52).

A “Caá-yary” de *Vida de erva* (SEREJO, 2008, v. 4, p. 63-112) simboliza o “Espírito feminino. [...] É o espírito vingador do pé de erva-mate: vinga contra aquele que decepa ou que procede ao corte fora de época, tirando-lhe a força e provocando o irremediável aniquilamento da galhada” (SEREJO, 2008, v. 4, p. 88-89). Conta a lenda que, se o mineiro realiza o corte da erva fora do tempo habitual, *caá-yary* penaliza de forma impiedosa o trabalhador e o proprietário da ranchada.

No fragmento narrativo “Lenda da erva-mate” (SEREJO, 2008, v. 5, p. 65-70), pertencente à obra *Lendas da Erva-Mate* (p. 59-72), encontramos Yari como a mais bela das filhas de Uni, o grande chefe ínola. Considerada “a linda jovem de olhos azuis da cor do céu

e cabelos de longas tranças”, “virgem de mil encantos”, escolheu ficar ao lado do pai, já idoso e com semblante entristecido “no mais recôndito da selva bruta” (SEREJO, 2008, v. 5, p. 65-66).

Certo dia, um estrangeiro hospedou-se no rancho do generoso velho guarani. Diante da amável acolhida, o homem de olhos azuis perguntou ao chefe Itabaetê como poderia recompensá-lo, em nome de Tupã. Como um desabafo, o índio pediu um amigo que pudesse compartilhar momentos de alegria e aflição, uma vez que “com esse amigo, aqui vivendo, sob as palhas deste mesmo rancho, quando preciso fosse, Yari seguiria na madrugada em sua companhia o rastro de nossa tribo, em cujo seio ela é querida e sempre foi disputada pelos jovens afoitos” (SEREJO, 2008, v. 5, p. 67). Assim, com uma planta de folhas verdes nas mãos, o visitante, emissário de Tupã, entregou-a ao bondoso índio e pediu que a colocasse no solo, deixando crescer naturalmente. Com um aspecto maduro, poderia beber de suas folhas e assim, teria “o companheiro para todos os instantes de sua vida” (SEREJO, 2008, v. 5, p. 67).

Com relação à Yari, o estrangeiro complementou:

- E sua filha Yari, sempre formosa e cobiçada, virgem de olhares tentadores, será a grande protetora das imensas matas de erva-mate que haverão de surgir em diferentes pontos do território brasileiro. Sorvendo esta bebida, os guerreiros de todas as tribos da terra sentirão o sabor dos beijos, das carícias e da ternura de sua encantadora filha... e a as lutas serão menos sangrentas, as caminhadas menos torturantes e cada dia, cada amanhecer ou anoitecer, mais feliz, mais cheio de alegria e esperança. [...] E tua filha será, por vontade e graça de Tupã, deus do bem, do qual sou humilde emissário, a augusta e sábia protetora de tua valente raça Kaá Yari (SEREJO, 2008, v. 5, p. 68).

Na mesma obra, o significativo relato “A transformação de Yari em pé de erva-mate” (SEREJO, 2008, v. 5, p. 70-72) é ilustrado pelo encontro de Jesus Cristo, São João e São Pedro com o guerreiro Itabaetê e sua filha Yari. Por terem sido bem recebidos no rancho do bondoso aborígine, Jesus apresentou a recompensa atendendo ao pedido do velho guerreiro: transformou Yari em um “símbolo da bondade”, “uma encantadora árvore, a mais linda e pura de todas as árvores de folhas intensamente verdes de formas arredondadas, que espargirá um perfume característico, nos dias de canícula ou nas noites suavíssimas de luar” (SEREJO, 2008, v. 5, p. 72). E assim foi considerada a grande senhora dos ervais e deusa atenta dos ervateiros. Já Itabaetê recebeu a bênção de Jesus, que consentiu em findar os seus dias na mansidão das matas ou nos campos floridos.

É relevante abordar aqui o item “Notas finais” deste relato, em que o escritor observa que o texto “A lenda da erva-mate” foi tratado pelo viés da intertextualidade com a lenda *A erva-mate* do estilista, André Carlos Teschaur, de Rio Grande do Sul. O mesmo ocorre no

relato “A transformação de Yari em pé de erva-mate”, intertextualizado com a lenda Jesus Cristo e a Erva-Mate do erudito Barbosa Lessa, em *História do Chimarrão {sic}* (cf. 2008, v. 5, p. 70).

### 2.2.11 As mulheres nhás

Caracterizadoras do texto “As nhás” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 55-56), estas mulheres, muito admiradas e respeitadas “pelo que faziam no mundo atormentador dos ervais” (SEREJO, 2008, v. 6, p. 55), tinham profundo conhecimento sobre plantas, folhas, frutos e raízes com poder de curar os doentes. Com desvelo, o escritor revela que:

Eram as cunhãs que curavam, um dom que receberam de *Diós*, por serem merecedoras pela paciência, pelo estoicismo, pela bondade, pelo amor cristão e pelas *manos milagrosas que tenían*... Salvaram milhares de maleitosos, com as plantas que conheciam – os *jujos* dos guaranis, principalmente (SEREJO, 2008, v. 6, p. 56).

Acerca desta tipificação feminina encontrada nas obras de Serejo, registra-se o dom das nhás<sup>17</sup> no preparo correto das ervas que curavam desde um mal-estar até as maleitas terça ou quartã, comuns na região ervateira.

### 2.2.12 A mulher cabocla

Na representação da mulher cabocla, inserida no relato “Cabocla” da obra *Ronda Sertaneja* (SEREJO, 2008, v. 2, p. 19-20), encontramos uma mulher provocativa “de andar rebolante; de vestido de chita” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 19), considerada a alegria na vida do ervateiro que se deleita com o seu olhar atraente e tentador. Porém, “refuga sempre quando compreende que vão levá-la, à força, para o altar” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 20). Com o desejo de liberdade, a cabocla quer andar pelos caminhos das festanças e “ter, acima de tudo, o direito de saber que é a soberana, que impera e governa um reino sem lei e sem fronteiras” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 20). Destacamos também a figura dessa mulher nos fragmentos “Cabocra feiticera” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 192-193) e “A minha inspiração” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 227-228) do livro *Canto Caboclo* (SEREJO, 2008, v. 2, p. 183-262), no qual o escritor a compara como um “botão novo di rosera” e nos apresenta, em tom poético, o poder

---

17 Nhá Chaló, nhá Brígida, nhá Fortu, nhá Chamé, nhá Candé, nhá Bina, nhá Tuca, nhá Lupa, nhá Livrada, nhá Benta, nhá Silvana, nhá Tina, nhá Maruca, nhá Rosária, nhá Poli, nhá Canta, nhá Conché, nhá Caró e tantas outras (SEREJO, 2008, v. 6, p. 55).

de sedução que essa mulher possui no universo dos ervais, registrando a sua marcante presença como inspiração para a criação de seus versos.

### **Cabocra feiticeira**

[...]

*Na sala quano ela dança,  
sacudino as duas tranças,  
a lua vem na janela,  
fica bem pertico dela,  
cum vontade di entrá...*

[...]

*Cum essa saia di chita,  
ela fica mais bunita;  
e vê a frô da guavira,  
orvaio qui u vento atira,  
na grama verde da istrada...*  
(SEREJO, 2008, v. 2, p. 193)

### **A minha inspiração**

*A minha inspiração é essa cabocra,  
Qui veve satisfeita no Grotão,  
Iguá a japuúra quano o dia  
Começa a crariám, lá nu sertão.  
A luiz dus óios dela é minha rima!*  
(SEREJO, 2008, v. 2, p. 227)

#### **2.2.13 A mulher fronteiriça**

Ao analisar a mulher fronteiriça na obra *Rincão dos Xucros* (SEREJO, 2008, v. 2, p. 51-85), observa-se, no texto “Fronteiriça” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 68), uma proximidade com a descrição da mulher cabocla, uma vez que Serejo ressalta uma mulher fascinante ao olhar do ervateiro e assim registra:

Filha da fronteira, mescla audaciosa de duas raças, ela carrega na silhueta graciosa a flama selvagem dos formadores da raça. [...] No entrevero do sotaque de dois idiomas diferentes, mais se avulta a sua fidalguia, mais cresce a sua meiguice. [...] É um deus-nos-acuda, quando essa cunhataí surge no rebuliço da praça, metida, provocantemente, dentro de seu vestido colorado, com aquela flor berrante no peito, quase pregada ao coração (SEREJO, 2008, v. 2, p. 68).

#### **2.2.14 A mulher respeitável**

Respeitada por todos nos ervais, no fragmento “A velha Brígida”, inserido na obra *Caráí Ervateiro* (SEREJO, 2008, v. 8, p. 07-67), “era a primeira que se levantava na ranchada ervateira de dom Francisco Rojas; levantava-se, ganhava o terreiro, olhava para o alto e fazia

o sinal da cruz” (SEREJO, 2008, v. 8, p. 14). Nesta análise, Serejo apresenta uma mulher bondosa e de muita fé que, com muita seriedade, realizava sua incumbência: organizar a cozinha e acender o fogo, porém não cozinhava, pois possuía uma quentura que lhe tomava o corpo; nem os médicos conseguiram diagnóstico para tal situação. Sempre amedrontada por bichos venenosos, acabou morrendo picada por uma cobra que estava escondida em um monte de lenha.

### 2.2.15 A mulher mãe

Ao representar a mulher mãe, deparamos com o fragmento textual “Mãe Tuca”, do livro *Canto Caboclo* (SEREJO, 2008, v. 2, p. 183-262), no qual figura-se uma mulher preta “meiga e triste” cantarolando para o “sinhozinho” dormir em um canto humilde e zeloso “Drume, drume sinhozinho, sihô parece zumbi; preta véia tá cansada e o sinhô num qué drumi...” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 216).

A “Mãe Tuca” representa claramente a ama do sinhozinho, porém fazendo o papel de mãe. A relação com as amas é complexa; há amor, mas não há laços sanguíneos.

Já na obra *Mãe Preta* (SEREJO, 2008, v. 5, p. 223-228) nota-se uma mulher que nasceu na inverno, num galpão relvoso. Figura triste, andejante, alma sofrida. Findou sua vida quase cega, encarquilhada, “trazendo no peito todos os sonhos desfeitos” (SEREJO, 2008, v. 5, p. 226).

### 2.2.16 A mulher adúltera

Em *Canto Caboclo* encontramos o fragmento de “A adúltera” (SEREJO, 2008, v. 2, p. 227) que nos remete ao imaginário do texto bíblico<sup>18</sup> de João, capítulo 8, versículo de 1 a 9.

---

18 Texto bíblico: João 8, 1-9. ([https://www.bibliaon.com/versiculo/joao\\_8\\_1-9/](https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_8_1-9/))

1 Porém, Jesus foi para o monte das Oliveiras;

2 E pela manhã cedo tornou para o templo, e todo o povo vinha ter com ele, e, assentando-se, os ensinava.

3 E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério;

4 E, pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio acto, adulterando.

5 E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu pois que dizes?

6 Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que o acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com o dedo na terra.

7 E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela.

8 E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra.

9 Quando ouviram isto, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio.



Convém tratarmos aqui de uma relação intertextual clara com parte do texto abaixo e o capítulo bíblico citado:

*A turba avança, torva e alucinada!  
Pára na praça e grita, fortemente;  
Manchou seu lar...será apedrejada...  
Gesticula e fala, ali, impaciente.*

*Do chão ergueu o olhar o Nazareno,  
E cheio de ternura... quão sereno,  
- pra dar castigo a essa que pecou –  
Pergunta: qual de vós que nunca errou?  
(SEREJO, 2008, v. 2, p. 227)*

### **2.2.17 A mulher avó**

O fragmento textual “Vovó Lenda”, encontrado na obra *Canto Caboclo* (SEREJO, 2008, v. 2, p. 245) é a representação da mulher avó que criou os filhos das escravas da fazenda, “e, foi, mãe carinhosa, dos aflitos”. Em seus últimos dias de vida, encontrava-se cega, sozinha e com andar cansado.

### **2.2.18 A mulher carpideira**

Encontramos no relato “Carpideira”, inserido na obra *Rodeio da Saudade* (SEREJO, 2008, v. 3, p. 285-320), uma mulher que

tinha tudo de bom e de nobre, pois dava ao cristão desesperado as suas próprias lágrimas. E essas lágrimas, embora derramadas a troco de escassas moedas, eram sinceras, porque vinham das entranhas de um ser que também sofria em delírio, com os donos do morto. Fingidas, jamais foram. [...] Carpideira – um perfil de mulher predestinada na passagem da fronteira agreste; um vestígio crioulo da formação da raça; um poema escrito nas plagas selvagens que o intruso, vindo de longe, destruiu e amaldiçoou (SEREJO, 2008, v. 3, p. 290).

### **2.2.19 A mulher rapa**

No fragmento serejiano “Rapa-de-tacho”, pertencente à obra *Palanques da terra nativa* (SEREJO, 2008, v. 5, p. 211-213), nota-se que o título do texto denomina como o filho “que veio, inesperadamente, pondo todos abobalhados” e “que nasceu de velhos [...] sem possibilidade, portanto, de dar vida a um ser humano”. Acerca da representação deste tipo de

mulher na obra serejiana, encontramos uma mulher reconhecida como “sobrevivente”. Assim o escritor registra:

Mulher rapa, impondo sua condição de rainha, trazendo na pele o calor da afeição, do berço e da sensibilidade da criação, foi se formando como mulher, tornou-se adulta, carregando consigo aquele porte superior, aquela firmeza e uma saliente superioridade em tudo (SEREJO, 2008, v. 5, p. 212).

### **2.2.20 A mulher folclórica**

Em *Caraí* (SEREJO, 2008, v. 6, p. 125), identificamos no fragmento “O lado folclórico” a Cunhã Tarová, considerada “a mulher louca do folclore guarani”. Assim, Serejo a denomina como:

a mulher endemoninhada dos ervais paraguaios e brasileiros, a que, descabelada, voando quase rente ao solo, milhares e milhares de quilômetros por minuto, guarda avaramente as riquezas e todas as fronteiras das pátrias irmãs. Cunha Tavorá é a mulher que faz chover, que refreia as enchentes. Que ensina o caminho certo ao homem perdido, que abranda a tempestade, que cura a peste, que alimenta o faminto com frutas do mato. Quando ela aparece nos ervais deve ser tratada com carinho (SEREJO, 2008, v. 6, p. 125).



A pedido da autora o Capítulo 3 e a Conclusão foram retirados do pdf.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M. de. *Teoria da Literatura*. 2. ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1968.

ANASTACIO, E. B. A. Hélio Serejo: escritor ervateiro, misto de homem-cruza campo e trota-mundo. *Revista Fato e Versões*. Coxim: MS, v. 09, n. 16, p. 162-175, set-dez 2016.

ANDRADE, M. Contos Novos. In: MENDES, I. *Projeto Livro Livre*, livro 716. São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Contos-novos-de-M%C3%A1rio-de-Andrade.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2018.

ARAÚJO, A. F. B. O regionalismo como outro. *Estudos de Literatura Brasileira contemporânea*. Brasília, n. 28, p. 113-124, jul./dez. 2006.

ARRUDA, G. *Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Larangeira*. Londrina: Editora UEL, 1997.

BAKHTIN, M. O estudo das ideologias e filosofia da linguagem. In: \_\_\_\_\_; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 31-38.

BATISTA, G. A. Entre causos e contos: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. 216 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007.

BARBOSA, A. M. A. *Manoel de Barros: ethos e oralidade no chão do Pantanal*. Campo Grande: Life Editora, 2014. 248 p.

BARTHES, R. *Aula*. Tradução e Posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BERND, Z. Inscrição do oral e do popular na tradição literária brasileira. In: BERND, Z.; MIGOZZI, J. (Orgs.). *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

BESSIÈRE, J. Literatura e representação. In: ANGENOT, M. et. al. (Orgs.). *Teoria literária: problemas e perspectivas*. Trad. Ana Luísa Faria e Miguel Serras Pereira. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p. 378-396.

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <[https://www.bibliaonline.com.br/versiculo/joao\\_8\\_1-9/](https://www.bibliaonline.com.br/versiculo/joao_8_1-9/)>.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 5 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BRANDÃO, L. A. espaço literário e suas expansões. In: CAIRO, L. R. et. Al. (Orgs.). *Visões poéticas do espaço: ensaios*. Assis: Unesp Publicações, 2008, 200 p.

CAMPOS, H. *Ruptura dos gêneros na Literatura Latino-Americana*. Coleção Elos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloisa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 2015.

CARNIERI, H. Invenção e memória. *Cândido: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná*, maio 2018.

CARVALHAL, T. F. *O próprio e o alheio: Ensaio de literatura comparada*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

\_\_\_\_\_. Lugar e função da literatura comparada nos processos de integração cultural. *GLÁUKS – Revista de Letras e Artes / UFV*. Viçosa, n.4, p. 13-20, jan.-jun. 2000.

CASTELLO BRANCO, L. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991. Coleção Primeiros Passos.

\_\_\_\_\_.; BRANDÃO, R. S. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial, 1989.

CHIAPPINI, L. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 153-159, 1995.

\_\_\_\_\_. *A globalização imaginada*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CORONADO, G. Teoria do Conto. *Estudos Anglo-Hispânicos*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto-S, n. 2-3, p. 15-45, 1969-1970.

CORRÊA, V. B. Coronéis e bandidos em Mato Grosso. In: ANASTACIO, E. B. de A. Hélio Serejo: escritor ervateiro, misto de homem-cruza campo e trota-mundo. *Revista Fato e Versões*. Coxim, v. 09, n. 16, p. 162-175, set-dez 2016.

CORTÁZAR, J. *Valise de cronópio*. Trad. Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COSSON, R. Notas à margem de uma fronteira móvel. *Continente Sul/Sur*. Porto Alegre: Instituto Nacional do Livro, 1998. v. 7, p. 85-94.

DONATO, H. *Selva Trágica*. Editora Edibolso, 2 ed., 1976.

DOURADO, M. T. G. Heroínas da fronteira Brasil/Paraguai: 1864-1867. In: FARIAS, M. F. L.; COSTA, A. L.; VIEIRA, L. B. (Org.). *Mulheres na história de Mato Grosso do Sul*. Dourados/MS: UFGD, 2017, p. 193-211.

DUARTE, C. L. Nos primórdios do feminismo brasileiro: direitos das mulheres e injustiça dos homens. *A mulher na Literatura* (Org.). v. III. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990, p. 37-41.

ECO, H. *Lector in Fabula*. La cooperación interpretativa en el texto narrativo. Traducción de Ricardo Pochtar. 3 ed. Barcelona. Editorial Lumen, 1993.

ETIEMBLE, R. Crise da Literatura Comparada?. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, T. F. (Org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 191-198.

FERREYRA, N. A mulher e a pesquisa. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, IV, 1991, Niterói. *Anais...* Niterói: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF; ABRALIC, 1991, p. 35- 44.

FIORIN, J. L. The crisis of representation and the contract of veridiction in the novel. *Revista do Gel*. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 197-218, 2008.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GENETTE, G. Palimpsestos. *A literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

GOMES, S. C. Prefácio. In: RAMALHO, C. B. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005.

GOTLIB, N. B. *Teoria do conto*. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. *A mulher na Literatura* (Org.). v. III. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1990.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARTMANN, L. Memória, mentira e esquecimento entre contadores de “causos” gaúchos. In: EWALD, F. G. et al. (org.). *Cartografias da voz: poesia oral e sonora – tradição e vanguarda*. São Paulo: Letra e Voz; Curitiba: Fundação Araucária, 2011, p. 169-187.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras*. Sertão Brasileiros II, v. 3, Rio de Janeiro, 2016.

JESUS, L. C. de. *Erva-mate: o outro lado: a presença dos produtores independentes no antigo Sul de Mato Grosso – 1870-1970*. 190 p. Dourados: UFMS, CPDO, 2004.

JOLLES, A. In: SPERBER, S. F. *Ficção e razão: uma retomada das formas simples*. São Paulo: Hucitec, 2009.

KRYSINSKI, W. Narrativa de valores: os novos actantes da Weltliteratur. *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAMEGO, V. Retrato de senhora: a imagem da mulher brasileira na pintura e literatura do século XIX. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA, IV, Niterói: 1991. *Anais...* Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF; ABRALIC, p. 57-66.

LIMA, A. M. de. *Mato Grosso de outros tempos: pioneiros e heróis*. Editora Soma Ltda. 2 ed., 1979.

LIMBERTI, Rita de Cássia A. Pacheco. *A Imagem do Índio: Discursos e Representações*. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

LINS, J. P. *O sol dos ervais: exaltação à obra literária de Hélio Serejo*. Dourados: Editora Dinâmica, 2002.

LINS, Osman. *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*. São Paulo, Editora Ática, 1976.

LOPES, A. C. M.; REIS, C. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MARCELO, R. Ser Tão Serejo. *Compact Disc*. Parcerias, Faixa 11.

MARCHEZAN, L. G. Literatura e regionalismo. In: SEGATTO, J. A.; BALDAN, U. *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MARIN, J. R. A presença, venda e aluguel de mulheres na fronteira do Brasil com o Paraguai: limiares entre história e ficção nas narrativas de Hêrnani Donato e Hélio Serejo. *Revista Raído*. Dourados: Programa de Pós-graduação em Letras da UFGD, v. 9, n. 20, p. 147-170, 2015.

\_\_\_\_\_. As representações femininas em *Selva Trágica*, de Hernâni Donato. In: PERARO, M. A.; BORGES, T. de M. B. (Org.). *Mulheres e famílias no Brasil*. Cuiabá-MT: Carlini e Caniato, 2005, p. 105-126.

MENDES, I. Mário de Andrade, “Contos Novos”. Poeteiro Editor Digital. Projeto Livro Livre. Livro 716. São Paulo - 2016. Disponível em: <[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)>. Acesso em 01 jun. 2018. e em: <<http://dynamicon.com.br/wp-content/uploads/2017/02/Contos-novos-de-M%C3%A1rio-de-Andrade.pdf>>. Acesso em: 16 março 2018.

MENDONÇA, S. A. S. *Eulina de Souza Ribeiro: um nome para a historiografia sul-mato-grossense*. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2003.

MOREIRAS, A. *A exaustão da diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001, 405p.

MORETI, A. M. A representação feminina em “4 Contos”. *Revista InterLetras*. Dourados, MS. v. 2 n. 3, [n.p.], jul./dez 2005. Disponível em: <[http://www.unigran.br/interletras/n3/cultura\\_brasil/rep\\_feminina.html](http://www.unigran.br/interletras/n3/cultura_brasil/rep_feminina.html)>. Acesso em: 02 fev. 2018.

NASCIMENTO, N. A. Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos. In: WEINHARDT, M. (Org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: UEPG, 2011.

OLIVEIRA, E. S. Gênero épico: recepção crítica e teórica. *Revista Odisseia*. Natal, n. 13, p. 58-75, jul.-dez. 2014.

PELLEGRINI, F.; SENA, M. F.G (Orgs.). *Vozes da literatura*. Campo Grande: FCMS, 2014.

PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. *Luso-Brazilian Review*, v. 41, n.1, p. 121- 138, 2004. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/71198895-Milton-hatoum-e-o-regionalismo-revisitado.html>>. Acesso em: 24 maio 2018.

PEREIRA, H. C. *O conceito de ficção em Hayden White e sua validade para os debates em história e literatura: humanidades em diálogo*. São Paulo, v. 8, p. 93-107, junho 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/140540>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

PESAVENTO, S. J. Representações. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/Contexto, vol.15, n. 29, 1995.

PIMENTA, L. I. O. *A ficção histórica em Vigília del Almirante, de Augusto Roa Bastos*. 92f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

PIRES, E. M. Prefácio. *Contos crioulos*. Campo Grande: UFMS, 1998.

POLAR, A. C. El indigenismo andino. In: PIZARRO, A. (org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Campinas: Unicamp, 1993.

PORTELLA, E. (Org.) *Teoria literária*. Biblioteca Tempo Universitário, 3. ed. Rio de Janeiro, 1969-1970, n. 2-3, p. 107-108, 1979.

RAMALHO, C. A reintegração histórica através do lirismo sintético – Raquel Naveira. In: \_\_\_\_\_. *Elas escrevem o épico*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2005, p.141-150.

REIS, L. M. R. *O que é conto*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1984.

RUBENIO Marcelo lança CD “Parcerias” no Sesc Morada dos Baís. Disponível em: <<http://sesc.ms/index.php/rubenio-marcelo-lanca-cd-parcerias-no-sesc-morada-dos-bais/>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

SANTOS, L. A. B. Diálogo de Signos. In: GONÇALVES, G. R.; RAVETTI, G. (Org.). *Lugares críticos: línguas culturas literaturas*. Belo Horizonte: Orobó Edições, 1998.

SANTOS, P. S. N. Constituição da pesquisa em literatura e estudos regionais. In: BARZOTTO, L. A. (Org.). *Literatura e práticas culturais: linguagens e intercâmbios*. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 151-172.



\_\_\_\_\_. *Entretextos: crítica comparada em literaturas de fronteiras*. Campo Grande: Life Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. A literatura sul-mato-grossense: orilhas entre o local e o global. *Interletras*, v. 3, n. 17, p. 4, abril 2013/setembro 2013. Disponível em: <[www.interletras.com.br/ed\\_anteriores/n17/conteudo/artigos/26.docx](http://www.interletras.com.br/ed_anteriores/n17/conteudo/artigos/26.docx)>. Acesso em: 20 mar. 2018.

\_\_\_\_\_. Hélio Serejo: o regional enquanto fábula do lugar. In: PINHEIRO, A. S.; BUNGART NETO, P. (Org.). *Ervais, pantanais e guavirais: cultura e literatura no Mato Grosso do Sul*. Dourados: UFGD, 2013, p. 73-97.

\_\_\_\_\_. Viventes dos pantanais e cerrados. In: *Revista Raído*. Dourados/MS: v. 4, n. 8, jul./dez. 2010, p. 93-108.

SEREJO, H. *Obras completas de Hélio Serejo*. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul/Gibim, 9 volumes. Serejo, 2008.

\_\_\_\_\_. *Nhá Chaló*. Obras Completas de Hélio Serejo: sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 6, p. 263-286.

\_\_\_\_\_. “Nena Patacón”. *Pialando... no más*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 7, p. 56-57.

\_\_\_\_\_. “Velhinha encarquilhada”. *De gualpão em gualpão*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 3, p. 208-209.

\_\_\_\_\_. “Quilombera”. *Vida de erval*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 4, p. 78.

\_\_\_\_\_. “Mulher quitandeira”. *Pialo bagual*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 1, p. 181-182.

\_\_\_\_\_. “Perdida”. *Pialo bagual*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 1, p. 182-183.

\_\_\_\_\_. “Cuñarecovaí”. *Vida de erval*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 4, p. 79-80.

\_\_\_\_\_. “A valente mulher paraguaia”. *Caraí ervateiro*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 8, p. 59-61.

\_\_\_\_\_. “Nhá Livrada”. *Nhá Chaló*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 6, p. 268-273.

\_\_\_\_\_. “Nhá Bina”. *Vento brabo*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 1, p. 197-198.

\_\_\_\_\_. “Nhá Chamé”. *Contos crioulos*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 9, p. 50-57; 115; 257.

\_\_\_\_\_. “Nhá Rosária, a chipeira”. *Pialando... no más*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 7, p. 59-60.

\_\_\_\_\_. “As heroínas dos ervais”. *Caraí*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 6, p. 35-36.

\_\_\_\_\_. *Homens de Aço*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 1, p. 227-278.

\_\_\_\_\_. “Homenagem de reconhecimento”. *Vida de Erval*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 4, p. 69-70.

\_\_\_\_\_. “Jura”. *Canto Caboclo*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 235.

\_\_\_\_\_. “Benzedeira”. *Rincão dos Xucros*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 64-65.

\_\_\_\_\_. “Mandingueira”. *Rodeio da Saudade*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 3, p. 293-294.

\_\_\_\_\_. “Mulher honrada”. *No mundo bruto da erva-mate*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 8, p. 196-198.

\_\_\_\_\_. “Katira”. *Lendas do Estado de MS*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 8, p. 84-86.

\_\_\_\_\_. “A bruxa”. *Lendas do Estado de MS*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 8, p. 97-99.

\_\_\_\_\_. “Curupira”. *Contas do meu rosário*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 4, p. 52-53.

\_\_\_\_\_. “Caá-yary”. *Vida de erval*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 4, p. 88-89.

\_\_\_\_\_. “Lenda da erva-mate”. *Lendas da erva-mate*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 5, p. 65-70.

\_\_\_\_\_. “A transformação de Yari em pé de erva-mate”. *Lendas da erva-mate*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 5, p. 70-72.

\_\_\_\_\_. “As nhás”. *Caraí*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 6, p. 55-56.

\_\_\_\_\_. “Cabocla”. *Ronda Sertaneja*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 19-20.

\_\_\_\_\_. “Cabocra feiticeira”. *Canto Caboclo*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 192-193.

\_\_\_\_\_. “A minha inspiração”. *Canto Caboclo*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 227-228.

\_\_\_\_\_. “Fronteiraça”. *Rincão dos xucros*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 68.

\_\_\_\_\_. “A velha Brígida”. *Caraí ervateiro*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 8, p. 14-15.

\_\_\_\_\_. “Mãe Tuca”. *Canto caboclo*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 215-216.

\_\_\_\_\_. *Mãe preta*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 5, p. 223-228.

\_\_\_\_\_. “A adúltera”. *Canto caboclo*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 227.

\_\_\_\_\_. “Vovó Lenda”. *Canto caboclo*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 2, p. 245.

\_\_\_\_\_. “Carpideira”. *Rodeio da saudade*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 3, p. 289-290.

\_\_\_\_\_. “Rapa-de-tacho”. *Palanques da terra nativa*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 5, p. 211-213.

\_\_\_\_\_. “O lado folclórico”. *Carai*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 6, p. 125.

\_\_\_\_\_. *Paisagem Sertaneja*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 6, p. 223.

\_\_\_\_\_. *Carai*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 6, p. 155.

\_\_\_\_\_. “Uma carta que fez história”. *Contos Crioulos*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 9, p. 87-88.

\_\_\_\_\_. “Fumo crioulo”. *Fogo de angico*. Obras Completas de Hélio Serejo. Sistematização, revisão e projeto final de H. Campestrini. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Editora Gibim, 2008, v. 5, p. 27.

\_\_\_\_\_. *Contos crioulos*. Campo Grande: Editora UFMS, 1998.

\_\_\_\_\_. *Carai ervateiro*. 1 ed.. Tupi Paulista: Editora Versiprosa, 1990.

\_\_\_\_\_. *Nhá Chaló*. Coleção Mato Grosso Crioulo. Presidente Venceslau: Pontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *Os heróis da erva*. Venceslau: Artes Gráficas Bachega, 1987.

\_\_\_\_\_. *Carai*. In: Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul 1883 –1947. Instituto Euvaldo Lodi. 1986.

\_\_\_\_\_. *Contas do meu rosário*. Coleção Balaio de Bugre. Presidente Venceslau. Revisão e Diagramação de Vasco José Taborda, de Curitiba, 1975.

\_\_\_\_\_. *Rodeio da saudade*. Curitiba, revisão de V. J. Taborda, 1974.

\_\_\_\_\_. *Discurso de posse*. Curitiba, revisão de V. J. Taborda, 1973.

\_\_\_\_\_. *Pialo Bagual...* Coleção Mato Grosso Crioulo. Organização e Revisão de Vasco José Taborda. Presidente Venceslau - SP, 1971.

\_\_\_\_\_. *Homens de aço: a luta nos ervais de Mato Grosso*. São Paulo, 1946, 119 p.

\_\_\_\_\_. *4 contos*. Coleção Mato Grosso Crioulo. Presidente Venceslau: Pontes, 1939.

\_\_\_\_\_. *Vento brabo...* Coleção Mato grosso crioulo (1943): Venceslau, SP. 1971.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC). Disponível em: <<http://sesc.ms/index.php/rubenio-marcelo-lanca-cd-parcerias-no-sesc-morada-dos-bais/>>.

SILVA, A. V. *Semiotização literária do discurso*. Rio de Janeiro: Elo Editora, 1984.

\_\_\_\_\_. *Carmesim é a cor da musa*. *Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura*, n. 18, ano 13, 2004, p. 61-74.

SILVA, T. T. O currículo como representação. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES Jr., A. R. *O drama dos ervais em Selva Trágica, de Hernâni Donato*. 2016. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados.

SOBREIRA, R. S. *Escritas indeterminadas e sujeitos fragmentários em contos pós-modernos de João Gilberto Noll e Sam Shepard*. 2010. 177f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” IBILCE/ São José do Rio Preto.

SPERBER, S. F. *Ficção e razão: uma retomada das formas simples*. São Paulo: Hucitec, 2009.

STAIGER, E. *Conceitos fundamentais da poética*. Trad. C. A. Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

STEGAGNO-PICCHIO, L. *História da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

SZABOLCSI, M. *Literatura universal do século XX: principais correntes*. Tradução de Aleksandar Jovanovic. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

TELLES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, M. (Org.); BASSANESI, C. (Coord. de Textos). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 401-444.

THOMPSON, G. Guerra do Paraguai. Heroínas da fronteira Brasil/Paraguai: 1864-1867. In: FARIAS, M. F. L.; COSTA, A. L.; VIEIRA, L. B. (Org.). *Mulheres na história de Mato Grosso do Sul*. Dourados/MS: UFGD, 2017, p. 193-211.

VERMEULE, B. *Why do we care about literary characters?* In: MANGUEL, A. *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017, p. 138.

WEINHARDT, M. *Ficção histórica e regionalismo: estudo sobre romances do Sul*. Curitiba: Editora da UFPR, 2004.

\_\_\_\_\_. Ficção e história: retomada de antigo diálogo. *Revista Letras*. Curitiba: Editora UFPR, n. 58, p. 105-120. jul./dez. 2002.

\_\_\_\_\_. A ficção histórica depois de 2010: primeiros apontamentos. *Cadernos Literários*, v. 23, n. 1, p. 121-135, 2015.

\_\_\_\_\_. Ficção histórica contemporânea no Brasil: uma proposta de sistematização. In: VI SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA LITERATURA, 2006, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: PUC-RS, v. 1, p. 1-6 (CD-ROM).

\_\_\_\_\_. A memória ficcionalizada em *Heranças e Leite Derramado*: rastros, apagamentos e negociações. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.19 n.31, jul./dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Outros palimpsestos: ficção e história – 2001-2010. In: OURIQUE, J. L. P.; CUNHA, J. M. S.; NEUMAN, G. R. (Org.). *Literatura: crítica comparada*. Pelotas: PREC/UFPEL, 2011a, p. 31-55.

\_\_\_\_\_. *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011b.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: UEM, 2009a, p. 217-242.

\_\_\_\_\_. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: UEM, 2009b, p. 327-336.